

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Renata Costa Rolim Loureiro

**A função parental masculina na perspectiva de
um bisavô**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

SÃO PAULO

2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Renata Costa Rolim Loureiro

A função parental masculina na perspectiva de um bisavô

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Psicologia Clínica, sob a orientação da Profa. Dra. Rosane Mantilla de Souza.

SÃO PAULO

2009

Banca Examinadora

Ao meu pai,
e a toda a sua presença.

AGRADECIMENTOS

À Rosane, minha professora e orientadora, por dividir tanto conhecimento, por sua praticidade, objetividade e por toda a sua generosidade.

À Vera e ao Plínio, pelas precisas e preciosas sugestões.

Ao Marcos, pela ajuda nas pesquisas virtuais.

À minha mãe, pela ousadia e confiança, sempre!

Ao Pi, pelo incentivo, paciência e tolerância.

À Lu pela motivação e interesse.

Ao participante dessa pesquisa, por compartilhar sua história de vida.

À CAPES pelo apoio financeiro.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo discutir como um homem idoso que atravessou o século XX e pode vivenciar todas as etapas do ciclo vital, foi significando a função parental em um contexto social de mudanças, em que até pouco tempo o modelo patriarcal geralmente estabelecia uma relação entre pai e filho de distanciamento afetivo, em uma sociedade na qual a expectativa de vida era menor e, por isso, não oportunizava ao indivíduo a vivência da função parental masculina em todas as etapas do ciclo vital.

Foi utilizado o relato de história de vida de um indivíduo de 80 anos pertencente à camada média alta urbana de uma população não clínica.

Os aportes teóricos que respaldaram a investigação foram: estudos sobre masculinidades e a perspectiva de gênero, a perspectiva bioecológica de desenvolvimento e ciclo vital.

Os resultados revelam que mesmo com as contemporâneas divisões do ciclo vital em diversas fases, a história de vida desse indivíduo apenas revela três fases, e a transição entre elas relaciona-se ao trabalho. Além disso, pode-se observar que o indivíduo, inserido em um contexto social de mudanças, não passou incólume, mas ao contrário, fez significações e negociações em seu modo de cuidado, sem repetir o modelo patriarcal recebido por seu pai e avô e sem deixar de lado a sua autoridade e referência em sua família.

Palavras-chave: psicologia; ciclo vital; gênero; função parental masculina.

ABSTRACT

The present research aims to describe how a senior male, who lived in the 20th century, passing by all the stages of his life cycle, signified the parental function, inserted in a social context of changes, in which, little years ago, the patriarchal model was used to establish the relation between father and son, determined by remote friendship, in a society in which the life expectancy decreased and do not give to the individual the opportunity of living all the stages of the male parental function.

These research included the report of the life biography of a man aged 80, of high middle class backgrounds, living in city and drawn from a non clinical population.

The theoretical approaches which formed the basis for the conceptual framework of this investigation was: studies on masculinity and the gender perspective, Bioecological perspective of development and life cycle.

The results show that besides the contemporary division of the life cycle in different stages, the biography of this individual only unveil three phases, and the transition of each one are influenced of word.

Besides, it is possible to observe that the individual is influenced by a social context of changes, make signification an negotiation in his way of looking after, not based on the patriarchal model learned by his father and grandfather. At the same way, the individual remains his authority and position in the family.

Key words: psychology, life cycle, male parental function.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
Capítulo 1 – O DESENVOLVIMENTO AO LONGO DO CICLO VITAL	09
1.1. Perspectivas de desenvolvimento.....	09
1.2. Infância e adolescência	14
1.3. Vida adulta	15
1.4. Vida adulta intermediária	16
1.5. Idade adulta avançada	19
Capítulo 2 – MASCULINIDADE E PARENTALIDADE	23
2.1. As negociações da masculinidade sob a perspectiva de gênero	23
2.2. Função parental masculina.....	26
2.3. Ser pai	29
2.4. Ser avô.....	32
2.5. Ser bisavô	33
Capítulo 3 – MÉTODO	35
3.1. Participantes	37
3.2. Procedimento	38
3.3. Instrumento	39
3.4. Análise dos resultados	40
Capítulo 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO	41
4.1. Infância e adolescência	42
4.2. Idade adulta	55
4.3. Idade adulta avançada	64
Capítulo 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
ANEXO	

Introdução

A organização social na contemporaneidade é marcada por transformações decorrentes do avanço tecnológico, da descrença nas instituições e o fortalecimento do individualismo, da pílula anticoncepcional e controle da natalidade, da saída da mulher para o mercado de trabalho, da revisão dos valores patriarcais e da longevidade, fatores que impeliram os indivíduos a lidarem com situações sem precedentes na história da humanidade.

As transformações sociais relativas à busca por igualdade nas relações entre os homens e as mulheres, a quebra de um modelo de masculinidade construído socialmente atrelado à figura do pai como provedor e sustentado por uma engendrada dinâmica de gênero e a longevidade constituem o tema sobre o qual se organiza esse trabalho. Os papéis sociais sofreram grandes transformações nas últimas décadas e a revisão de valores sociais contribuiu para significativas modificações na família e nas concepções do que significa ser homem e ser pai hoje, o que levou à negociação e renegociação da função parental masculina no século XX. Isso se deve ao fato de as transformações da função parental masculina ocorrerem em paralelo às transformações da sociedade, pois os modelos de homem são fruto do sistema social e por eles mantido.

O presente trabalho focaliza a compreensão de como um homem idoso que atravessou o século XX e pode vivenciar todas as etapas do ciclo vital foi significando a função parental em um contexto social de mudanças, em que até pouco tempo o modelo patriarcal geralmente estabelecia uma relação entre pai e filho de distanciamento afetivo, em uma sociedade na qual a expectativa de vida era menor e, por isso, não oportunizava ao indivíduo a vivência da função parental masculina em todas as etapas do ciclo vital, ou seja, a experiência de um mesmo indivíduo ser neto, filho, pai, avô e bisavô durante sua vida.

Idoso é um termo frequentemente usado pelos psicólogos do desenvolvimento para classificar os indivíduos a partir de 65 anos, separando-os em três categorias: “idoso jovem” (pessoas com 65 a 74 anos), “idoso idoso” (pessoas entre 75 e 84 anos) e “idoso mais velho” ou “muito idoso” (pessoas acima de 85 anos) e observam que o segmento dos “idosos mais velhos” é o que apresenta crescimento mais acentuado na população mundial nos últimos anos (PRICE, 2005; PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2009).

Os trabalhos acadêmicos e as reportagens publicadas em jornais, revistas e nos principais veículos de informação, em número crescente sobre esse tema, o trazem à visibilidade. A longevidade não se constitui mais como uma preocupação somente dos países desenvolvidos; atualmente ela impacta a sociedade contemporânea como um todo.

Shibata (2006) revela que a quantidade de idosos na população mundial com mais de 65 anos aumentou de 5,2% na década de 50 para 6,9% em 2000, o que significou uma elevação de 33% nesse índice. Nos países desenvolvidos esse fato é ainda mais marcante: a população idosa passou de 7,9% para 14,3% representando um aumento de 81%.

A mesma autora aponta que:

“O planeta atravessa o maior fenômeno de longevidade já vivido, com a presença cada dia maior de centenários. Estes são integrantes da quarta idade, termo que surgiu no final dos anos 1990, quando a expressão terceira idade, cunhada na década de 1940 do século XX, para classificar sexagenários, ficou defasada”. (SHIBATA, 2006, p.10)

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no período de 1991 a 2000, o número de habitantes com 100 anos ou mais aumentou 77%, enquanto a população total cresceu 15,6%.

A esperança de vida ao nascer no Brasil tem crescido significativamente nos últimos anos e hoje se situa, de acordo com os dados do IBGE, entre os 72 e 74 anos (em 1990 era de 66 a 68 anos). O Brasil, considerado desde 1.500 como um país jovem, possui hoje um grande número de idosos. A proporção de idosos em nosso país aumentou consideravelmente: de 3% na década de 50 passou a 5,85% em 2000 e projeções realizadas por esse mesmo Instituto revelam que, em 2020, os idosos chegarão a 25 milhões de pessoas, compondo 11,4% da população.

Entretanto, é importante salientar que, devido a fatores como a concentração de riqueza em uma porcentagem pequena da população, falta de saneamento básico em algumas localidades e condições precárias de serviços de atendimento à saúde para a maioria da população, a esperança de vida no Brasil é menor que a de outros países da América Latina, cujas expectativas encontram-se acima de 74 anos. Mesmo levando-se em conta as vicissitudes do contexto sócio-econômico-cultural, a população de idosos aqui também é crescente.

Assim, de acordo com Shibata (2006), quando a expectativa de vida era menor, a maioria das pessoas não vivenciava situações que hoje, devido à longevidade, são freqüentes. A aposentadoria, por exemplo, é uma das mais penosas decisões que o indivíduo precisa tomar à medida que ingressa na terceira idade, pois essa decisão afeta sua situação financeira e seu estado emocional. No entanto, até pouco tempo atrás, poucos eram os indivíduos que chegavam a se aposentar.

A necessidade de fornecer apoio financeiro aos idosos ou a necessidade de o idoso ter que morar na companhia dos filhos ou em instituições, os casamentos de longa duração, o divórcio na terceira idade, a viuvez, o relacionamento com os filhos adultos, netos e bisnetos também levam à sérias implicações à sociedade decorrentes da longevidade. De acordo com Hagestad (1987), a maior longevidade humana e a maior expectativa de vida acarretam maior complexidade nos laços familiares, relacionamentos mais duradouros, acúmulo de experiências e mudanças de papel entre os membros da família. Sobre isso, Dias e Pinto (2007) escrevem que “O

fenômeno do aumento da longevidade provoca modificações na família, influenciando os relacionamentos entre as gerações e diversificando as funções do idoso na dinâmica familiar" (DIAS & PINTO, 2007, p.199).

O envelhecimento é um fenômeno biológico, psicológico e social que atinge o ser humano como um todo e modifica sua relação com o tempo, com o mundo e com a sua própria história. Como relata Rebelo Junior (2006), a maioria das pessoas quer viver muito, mas sem envelhecer e morrer, pois muitas vezes o processo de envelhecimento é relacionado apenas a perdas, doenças e finitude.

Sobre isso, Alves (2001) escreve que:

"(...) pensar o processo de envelhecimento é pensar em sua consequência - a velhice. Entretanto, velhice é um termo impreciso e sua realidade difícil de definir, uma vez que são relativos os aspectos e fatores que determinam a velhice de uma pessoa. A posição dos velhos e a forma como são tratados pelos mais jovens têm significados particulares em contextos sociais e culturais diferentes". (ALVES, 2001, p. 15).

Baltes & Baltes (1990) dedicaram estudos ao tema do envelhecimento, desenvolvendo o conceito de envelhecimento bem-sucedido ou ideal, que se opõe à idéia de que o envelhecimento é resultante de um inevitável e intrínseco processo de perda e declínio, já que tem como premissa o fato de que algumas pessoas podem envelhecer melhor que outras. Segundo esses autores, os três principais componentes do envelhecimento bem-sucedido são: anulação da doença ou de incapacidade relacionada à doença, manutenção elevada das funções psicológicas e cognitivas e engajamento sustentado e ativo em atividades sociais e produtivas. Sob essa perspectiva o indivíduo idoso é encarado como uma pessoa ativa, capaz de ter um projeto de vida e exercer suas potencialidades.

O desenvolvimento ocorre por meio de um processo de alocação de recursos pessoais – sensório-motores, cognitivos, da personalidade e pessoais – que permitem atingir os objetivos de cada pessoa. O desenvolvimento ao longo da vida traz ganhos

e perdas, mas na idade avançada a balança tende a pender para o lado negativo. O envelhecimento bem-sucedido implica em uma otimização seletiva com compensação, em que os adultos mais velhos podem conservar recursos esforçando-se mais nas atividades consideradas mais significativas para eles; otimizar as aptidões que permanecem fortes, compensar as perdas pela mobilização de recursos em outras áreas e ajustar os próprios padrões a mudanças no que for possível realizar são fatores cruciais para a manutenção de uma perspectiva positiva da vida (BALTES & BALTES, 1990; BALTES & SMITH, 2003).

Relativo ao tema do envelhecimento bem-sucedido, Phillips, Wright & Beale (2003), em seu artigo, relatam que os avôs contemporâneos vivem mais e se adequam melhor aos novos estilos de vida, diferentemente do que se pensava no passado, em que ser avô era sinônimo de velhice, fragilidade física, não adequação aos novos estilos de vida e fora de moda. Relatam ainda que em 1995, cerca de 80% dos americanos idosos eram avôs e cerca de 50% eram bisavôs, dentre os quais muitos eram responsáveis pelo cuidado com os netos. Considerando que a longevidade nos países europeus é ainda mais alta, devemos constatar que é cada vez mais frequente ser avô e ser bisavô na sociedade ocidental, e a maneira desses indivíduos exercerem a parentalidade também se relaciona à maneira como encaram a velhice.

No Brasil não existem dados tão específicos, mas o censo de 2002 revela que 20% das famílias brasileiras eram chefiadas por idosos. Atualmente é esperado que algumas das famílias tenham pelo menos um dos bisavôs, ou seja, que ao se tornarem avós estes tenham pelo menos alguns dos pais vivos.

Cada vez mais cresce o número de pessoas que se tornam bisavós, e essa fase vem sendo cada vez mais compreendida, - por isso a importância de estudá-la -, como uma etapa do processo adaptativo do indivíduo e não uma fase marcada por perdas e crise de identidade.

Em revisão bibliográfica realizada por Loureiro (2008) percebeu-se que esse tema começou a surgir no cenário científico na década de 70, e o primeiro trabalho¹ encontrado

foi realizado nos Estados Unidos, datado de 1975. Este teve como objetivo estudar a genética humana em quatro gerações de famílias.

Os estudos sobre bisavôs (KAPLAN, 2000; DOKA & MERTZ, 1988; WENTOWSKY, 1985) muitas vezes dizem respeito às investigações que buscam encontrar padrões de comportamentos ou heranças genéticas que expliquem o aparecimento de determinada síndrome ou doença.

Quando se referem ao processo emocional que envolve o ser bisavô, de um modo geral, apontam sentimentos positivos, destacando-se a longevidade e o prazer, bem como os sentimentos de alegria e orgulho vividos nessa fase (DIAS & PINTO 2007; DREW & SILVERSTEIN 2004; MIETKIEWICZ & VENDITTI 2004; BEAN, McALLISTER, & HUDGINS 2001).

Na família, os bisavós adquirem alguns papéis: de ajuda financeira, quando é possível e, sobretudo, de apoio emocional – por serem mais velhos, são freqüentemente consultados e levados em consideração. No entanto, devido às limitações físicas, os bisavós têm em geral menos contato com seus familiares embora, mesmo assim, preocupam-se muito em ajudar suas famílias (PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2009).

Esses indivíduos freqüentemente mostram-se insatisfeitos com a baixa freqüência que vêem seus familiares e o contato escasso que têm com suas famílias. Os estudos mostram que a grande diferença entre as idades acaba provocando conflitos geracionais entre os bisavós e seus parentes, o que gera esse pouco contato.

¹ Título original: *Four generation family study with analysis of satellite associations, fluorescent markers, and prenatal diagnosis.*

Estudar a vivência dos bisavôs é também realizar uma análise da realidade da sociedade contemporânea, já que a vida do indivíduo idoso que atravessou gerações reflete como significações foram sendo realizados por ele diante do contexto ao qual estava inserido. Como visto, os estudos sobre bisavôs são ainda escassos e os que contemplam os indivíduos do sexo masculino são praticamente inexistentes, embora o tema seja bastante relevante.

Maciel Junior (2006) relata que ao longo da segunda metade do século XX, os estudos de gênero buscaram evidenciar apenas a construção da feminilidade, e pouco foi investigado acerca da construção da masculinidade (já que na perspectiva do senso comum, há uma crença na suposta natureza da masculinidade, como se o sexo biológico fosse uma garantia para a condição masculina).

Há diferenças de papéis entre ser pai, avô e bisavô. Cabe aos pais a maior responsabilidade pela educação e, seguindo-se essa hierarquia, os bisavós são os que menos participam desse processo, mas isso não significa dizer que eles não contribuem.

Um estudo sobre a função parental masculina pressupõe a compreensão de como as masculinidades foram sendo construídas com o passar dos anos, já que nas últimas décadas, os papéis sociais sofreram grandes transformações e a revisão de valores patriarcais acarretou relevantes e significativas modificações na família e na concepção do que significa ser homem hoje.

Por entendermos que as mudanças ocorridas no século XX influenciaram a construção das masculinidades e que o exercício da função parental masculina é um das principais evidências dessas transformações, esse trabalho visou estudar a função parental masculina sob o ponto de vista de um bisavô, já que, por ser longo, esse indivíduo teve a oportunidade de experienciar todas as etapas do ciclo vital e vivenciar as mudanças ocorridas no decorrer do século XX.

Dada a magnitude do tema, esse estudo teve por objetivo investigar, por meio da análise da história de vida, como um homem que atravessou o século XX significou a função parental masculina ao longo do ciclo vital.

No primeiro capítulo foi realizado um panorama histórico da paternidade e o contexto no qual a função parental foi sendo transformada, até chegar à função parental masculina na contemporaneidade, para o entendimento de como esse processo se dá ao longo do ciclo vital.

No segundo capítulo, foram apresentados estudos visando compreender como o masculino foi sendo significado ao longo do tempo e no decorrer do ciclo vital.

No terceiro capítulo foram realizadas considerações sobre o método de história de vida como intermediário para o estudo com homens e foram situados os procedimentos dessa pesquisa.

No quarto capítulo foram apresentados os resultados e a discussão advinda do diálogo com a teoria.

No quinto e último capítulo foram realizadas as considerações finais bem como o apontamento das principais contribuições decorrentes do presente trabalho.

Capítulo 1 – O Desenvolvimento ao longo do Ciclo Vital

Estudar o ser humano significa compreendê-lo no contexto histórico, político, cultural e geográfico ao qual está inserido, levando-se em consideração as negociações e renegociações que são feitas por ele diante do que experiencia. Considerando que esse trabalho se propôs a compreender como foi sendo significada a função parental masculina para um indivíduo ocidental e urbano que atravessou o século XX, e que esse século foi permeado por grandes transformações políticas, sociais e econômicas, se faz necessário compreender estas transformações, tanto quanto os processos de construção desenvolvimental.

Entender o indivíduo também significa levar em consideração os eventos maturacionais, já que é fundamental mapear as influências normativas reguladas pela idade que são muito semelhantes para pessoas de uma determinada faixa etária, posto que o tempo de ocorrência de eventos biológicos é razoavelmente previsível dentro de uma faixa “normal”.

O presente capítulo dedicar-se-á a compreensão do desenvolvimento psicológico iniciando-se por circunscrever o modelo de desenvolvimento no qual se baseia.

1.1. Perspectivas de Desenvolvimento

O campo do desenvolvimento humano é o estudo científico dos processos do desenvolvimento pelos quais os seres humanos passam ao longo de suas vidas. Os primeiros estudos e modelos sobre o desenvolvimento humano tendiam a considerar o indivíduo ou por uma perspectiva mais maturacional ou ambientalista, mas em ambas dando extremo valor aos anos formadores da infância, delimitando modelos ou

fechados ao meio ambiente ou circunscritos à importância da díade mãe-criança, independentemente de variabilidades sociais, históricas e econômicas.

As pessoas, no entanto, não são seres sexuados apartados do contexto histórico, político, cultural e geográfico ao qual estão inseridas, mas ao contrário. Entender o ser humano é compreender o cenário ao qual ele faz parte, levando-se em consideração as negociações e renegociações que vão ocorrendo em sua vida frente às mudanças que experiencia em um contexto social dinâmico.

De acordo com Maciel Junior (2006), as reformulações que o conceito de desenvolvimento humano sofreu nos últimos anos abriram as portas para um vasto corpo de pesquisas. Hoje, a noção cada vez mais compartilhada entre os psicólogos do desenvolvimento é a de que este é um processo que ocorre ao longo de todo o ciclo vital, levando à conclusão de que os projetos humanos são refeitos, assim como a construção e reconstrução da masculinidade e da função parental masculina.

A fim de ampliar e aprofundar a compreensão do ser humano e as transformações vividas ao longo de sua vida, já que seu desenvolvimento é contínuo, faremos uma breve explanação acerca do ciclo vital sob a perspectiva bioecológica de Urie Bronfenbrenner.

A teoria bioecológica do psicólogo norte-americano Urie Bronfenbrenner (2005) descreve a gama de processos em interação que afetam uma pessoa em desenvolvimento. Cada organismo biológico se desenvolve dentro do contexto de sistemas ecológicos que sustentam ou sufocam seu crescimento. O desenvolvimento ocorre mediante processos cada vez mais complexos de interação regular, ativa e bidirecional, entre uma pessoa em desenvolvimento e o ambiente imediato do dia-a-dia, processos que são afetados por contextos mais remotos dos quais o indivíduo talvez não esteja consciente. Para entender esses processos, é importante se estudar os múltiplos contextos em que eles ocorrem. Ao destacar os contextos inter-relacionados do desenvolvimento e suas influências, a teoria de Bronfenbrenner (2005) oferece uma solução para entender os processos subjacentes aos diversos

fenômenos. Para o referido autor, a pessoa não é meramente uma resultante do desenvolvimento, mas alguém que também molda esse desenvolvimento por meio de suas características biológicas e psicológicas, seus talentos, habilidades, deficiências e temperamento.

Uma importante contribuição da perspectiva contextual tem sido sua ênfase no componente social do desenvolvimento, ampliando o olhar do indivíduo para as unidades interacionais mais amplas. A perspectiva contextual também adverte que as descobertas sobre o desenvolvimento de pessoas numa determinada cultura ou num grupo dentro de uma cultura talvez não se aplique igualmente a pessoas de outras sociedades ou grupos culturais.

De acordo com Papalia, Olds & Feldman (2009), os estudos sobre ciclo vital surgiram a partir das pesquisas destinadas a acompanhar o ciclo de vida das crianças até sua idade adulta, com o intuito de explicar como os comportamentos são adquiridos, e assim ter condições de prever comportamentos posteriores e promover modificações. Parke (2004) considera que cada vez mais estes resultados passaram a ter aplicação direta no cuidado da criança, na educação, na saúde e na política social. A compreensão do desenvolvimento adulto também apresenta implicações práticas. Pode ajudar pessoas a lidarem com suas próprias transições de vida, ou mesmo com as das outras pessoas: a mulher que retorna ao trabalho depois de ter um bebê, a pessoa que está mudando de carreira ou prestes a se aposentar, a viúva ou o viúvo que tem de lidar com a perda, alguém enfrentando uma doença terminal.

De uma perspectiva também contextual, Baltes, Lindenberger & Staudinger (1999) identificaram seis princípios básicos em sua abordagem do desenvolvimento do ciclo de vida. Juntos, esses princípios servem como uma estrutura conceitual amplamente aceita para o estudo do desenvolvimento do ciclo de vida. São eles:

- O desenvolvimento é vitalício – o desenvolvimento é um processo vitalício de mudança na capacidade de se adaptar às situações escolhidas ou nas quais a pessoa se encontra. Cada período do ciclo de vida é afetado pelo que

aconteceu antes e afetará o que está por vir. Cada período tem suas próprias características e valores, nenhum é mais ou menos importante. Mesmo pessoas muito velhas podem crescer emocionalmente e intelectualmente. A experiência da morte pode ser a última tentativa de chegar a um acordo com a própria vida.

- O desenvolvimento envolve ganho e perda – o desenvolvimento é multidimensional e multidirecional. Ocorre ao longo de múltiplas dimensões que interage biológica, psicológica e socialmente, cada uma delas podendo se desenvolver em ritmos diferentes. O desenvolvimento também prossegue em mais de uma direção.
- Influências relativas de mudanças biológicas e culturais sobre o ciclo de vida - O processo de desenvolvimento é influenciado tanto pela biologia quanto pela cultura, mas o equilíbrio entre essas influências é móvel. Influências biológicas como acuidade sensorial, força e coordenação muscular tornam-se mais fracas com a idade, mas apoios culturais tais como educação, relacionamentos e ambientes tecnologicamente amigáveis à idade, podem ajudar a compensar.
- Desenvolvimento envolve mudança na alocação de recursos – os indivíduos escolhem como investir seus recursos de tempo, energia, talento, dinheiro e apoio social de várias maneiras. Os recursos podem ser usados para o crescimento, para a conservação ou recuperação, ou para lidar com a perda quando a conservação e a recuperação não forem possíveis. A alocação de recursos para essas três funções muda ao longo da vida, a medida que diminui o conjunto de recursos disponíveis. Na velhice, a maior parte dos recursos é direcionada para a regulação da perda.
- O desenvolvimento revela plasticidade – muitas capacidades, como a memória, a força física e a resistência podem ser aperfeiçoadas com o treinamento e a

prática, mesmo em idade avançada. Mas, até mesmo em crianças a plasticidade tem limites.

- O desenvolvimento é influenciado pelo contexto histórico e cultural – cada pessoa se desenvolve em múltiplos contextos, circunstâncias ou condições definidas em parte pela maturação e em parte pelo tempo e lugar. Os seres humanos também influenciam e são influenciados pelo contexto histórico-cultural.

Para entender as semelhanças e as diferenças no desenvolvimento, devemos olhar para as influências da época e do lugar e como esses fatores se relacionam, já que o desenvolvimento é influenciado por questões sociais. Também precisamos considerar as influências que se impõem sobre muitas pessoas, ou a maioria delas e aquelas que atingem apenas certos indivíduos (PARKE, 2004).

A divisão do ciclo de vida em períodos é uma construção social, uma idéia sobre a natureza da realidade amplamente aceita por membros de uma sociedade em determinado período, com base em percepções subjetivas ou suposições compartilhadas, que auxilia essa compreensão do ser humano. De modo a dar subsídios para a compreensão dos processos de desenvolvimento ao longo do ciclo vital, apresentaremos a seguir suas principais semelhanças tendo como referência o Manual do Desenvolvimento Humano organizado por Pappalia, Olds & Feldman (2009). É importante frisar que as especificidades de construção da masculinidade, do tornar-se pai, tornar-se avô e tornar-se bisavô e as significações e ressignificações acerca da função parental, dado a sua importância, foram citados separadamente nesse trabalho e serão apresentadas no próximo capítulo.

1.2. Infância e Adolescência

De acordo com Papalia, Olds & Feldman (2009), a idade pré-escolar e a idade escolar são muito importantes no desenvolvimento de toda criança, pois ela passa da dependência à independência, aprende a falar, a marcha torna-se mais segura, o treino da higiene aumenta e a autonomia e a exploração do ambiente ampliam-se. Nesse período, a criança desenvolve brincadeiras com outras crianças, liga-se a crianças do mesmo sexo e apresenta interesse em amizades individuais.

À medida que vai crescendo, como colocam as referidas autoras, as habilidades motoras vão sendo consolidadas, assim como as habilidades cognitivas, o que indica o desenvolvimento dos processos executivos, de organização, de planejamento e monitoramento do comportamento. A socialização passa a ter um desenvolvimento acentuado e as amizades tornam-se cada vez mais significativas na vida da maioria delas, pois o referencial deixa de ser somente a família.

Todas essas mudanças atingem o seu ápice na adolescência, que é considerada, de acordo com Papalia, Olds & Feldman (2009), como uma fase de amplas mudanças físicas, emocionais e cognitivas, que levam a pessoa da infância à fase adulta. Caracteriza-se como uma fase de transição que se estende até os 20 anos de idade. É o período de experimentação e busca por um ajustamento sexual, social, ideológico e vocacional e de luta pela emancipação e consolidação da identidade. Essa construção relaciona-se à engendrada dinâmica de gênero (a ser exposta no próximo capítulo) que influencia a construção da(s) masculinidade(s) e feminilidade(s). As concepções de homem e mulher que o adolescente desenvolve com base no relacionamento com os pais e no contexto social ao qual se insere contribuem para a sua opinião sobre si mesmo.

1.3. Vida adulta

Após as experimentações realizadas na adolescência, a vida adulta marca a consolidação da identidade do indivíduo. Ou seja, essa fase é caracterizada pelo momento em que as pessoas tornam-se responsáveis por si mesmas, constroem um sistema de valores próprio, escolhem uma carreira e, em geral, formam um relacionamento afetivo significativo.

Antes da década de 1950, os jovens nessa etapa do ciclo vital normalmente concluíam a educação escolar, saíam de casa, encontravam um emprego estável, casavam e tinham filhos, nesta ordem.

A partir da década de 1950, as modificações sociais tornaram a educação universitária ou a formação especializada cada vez mais essencial. A revolução sexual colocou mais mulheres no mercado de trabalho e ampliou os papéis femininos aceitos, provocando grandes transformações na sociedade.

Hoje a entrada na vida adulta ainda é marcada por múltiplos fatores, tais como: ingresso na universidade, saída da casa dos pais, casamento e filhos, mas a ordem e o tempo dessas ocorrências são variados e as normas sociais estão mais elásticas do que até meados do século passado.

A natureza do trabalho também está se modificando e os contratos de trabalho estão ficando mais variados e menos estáveis. Essas mudanças, juntamente com um mercado de trabalho mais competitivo e com a exigência de uma força de trabalho altamente especializada, tornam a educação e o treinamento ainda mais vitais.

A transição para a vida de casado provoca grandes mudanças na organização do indivíduo, principalmente no que se refere ao funcionamento sexual, as disposições de vida, os direitos e responsabilidades, os apegos e fidelidades. Os cônjuges precisam redefinir a ligação com suas famílias, equilibrar intimidade com autonomia e estabelecer um relacionamento sexual gratificante.

O nascimento do primeiro filho marca uma transição importante na vida dos pais e tanto os homens quanto as mulheres frequentemente têm sentimentos confusos em relação à paternidade/maternidade. Ao mesmo tempo em que se entusiasma, ficam bastante ansiosos com a responsabilidade.

Após as mudanças sociais que marcaram o século XX, a partir de 1950 os pais foram lançados à exigência social de uma participação mais ativa no cuidado com os filhos, que antes ficava apenas sob a responsabilidade das mulheres.

À medida que os filhos vão crescendo, os adultos vão ficando mais velhos, e novas demandas surgem na dinâmica familiar.

1.4. Vida adulta intermediária

O termo meia-idade apareceu pela primeira vez nos dicionários em 1895, quando a expectativa de vida começou a se prolongar. Hoje, nas sociedades industrializadas, a vida adulta intermediária é considerada como uma fase distinta da vida, com suas próprias normas sociais, papéis, oportunidades e desafios.

Costuma-se definir a meia idade entre os quarenta e os sessenta e cinco anos e a experiência da meia-idade varia de acordo com a saúde, o gênero, a raça/etnia, o nível socioeconômico, a cultura, a personalidade, a situação conjugal, a paternidade e o emprego. Muitas vezes as questões do início da meia-idade se diferem das do final desse período.

A meia-idade é repleta de pesadas responsabilidades, múltiplos deveres e exigentes papéis: cuidar da casa, chefiar departamentos ou empresas, educar filhos, cuidar dos pais idosos, ou iniciar novas atividades profissionais. É freqüente o início de problemas de saúde nessa fase, tais como: hipertensão, câncer, problemas cardíacos, diabetes, osteoporose e estresse.

Muitos adultos de meia-idade, já tendo deixado sua marca no mundo e criado os filhos, tem uma maior sensação de liberdade e independência. Muitos experimentam uma sensação mais intensa de sucesso e controle nas relações de trabalho e sociais, além de uma consciência mais realista de suas limitações e das forças externas que não podem controlar.

A saúde, os hábitos e estilo de vida nos anos adultos intermediários influenciam o que acontecerá nos anos posteriores. Pessoas que são ativas desde cedo na vida colhem os benefícios de mais vigor e de mais resiliência após os sessenta e cinco anos.

A meia-idade em geral traz uma reestruturação de papéis sociais relacionados ao encaminhamento dos filhos, ao tornar-se avós, à mudança de emprego ou carreira e, eventualmente, à aposentadoria. Aposentar consiste na mais penosa decisão de estilo de vida que as pessoas têm de tomar à medida que envelhecem. É uma demanda relativamente nova que emergiu com o aumento da expectativa de vida e a necessidade da reestruturação do mercado. Essa decisão afeta a situação financeira e o estado emocional do indivíduo, tanto quanto o modo como passam o tempo e se relacionam com a família e os amigos.

O casamento na meia-idade também sofreu alterações e hoje em dia é muito diferente do que costumava ser. Quando a expectativa da vida era menor, os casais que permaneciam juntos por vinte e cinco, trinta ou quarenta anos eram raros e o acontecimento mais comum para o término do casamento era a morte.

A paternidade é um processo que normalmente alcança seu clímax durante a meia-idade dos pais. Atualmente os pais na meia-idade são os principais responsáveis por manter a família unida. Com as tendências contemporâneas que apontam para o retardamento do casamento e da paternidade, acredita-se realmente que algumas pessoas da meia-idade agora se vêem diante de problemas do universo infantil. No entanto, é também freqüente nas famílias de hoje, diversificadas e complexas, cada vez mais os pais de meia-idade terem de lidar com um filho adulto que continua a viver

com eles ou que retorna para junto deles. Mesmo diante de mudanças, o bem estar dos pais atrela-se ao fato de terem conseguido garantir o provento dos filhos e o tipo de adulto que seus filhos se tornaram.

Em geral, pessoas que atravessam concomitantemente duas crises, adolescência e meia-idade, vivem na mesma casa. Enquanto lidam com suas próprias preocupações, os pais têm de lidar diariamente com pessoas jovens que estão passando por grandes mudanças. Para a maioria dos pais, as mudanças normativas da adolescência trazem à tona um conjunto de emoções positivas e negativas.

Geralmente inicia-se nessa fase a responsabilidade de cuidado e apoio aos pais idosos. Normalmente as pessoas na meia-idade enxergam seus pais de modo mais objetivo, os vendo como indivíduos com suas forças e fraquezas.

O contato com os irmãos ao longo da vida se dá com maior frequência nas duas extremidades: infância e meia-idade em diante. Após estabelecerem carreiras e famílias, os irmãos podem renovar as ligações. Relacionamentos com irmãos que permanecem em contato são importantes para o bem-estar psicológico na meia-idade, embora a sua importância possa aumentar ou diminuir com o passar do tempo. Cuidar de pais idosos pode unir ou separar os irmãos.

A meia-idade também é, de modo geral, a época em que as pessoas se tornam avós, o que ocorre antes de terminarem suas funções como pais. Até meados do século XX, poucos indivíduos tornavam-se avós, já que a expectativa de vida era menor.

As avós tendem a ver mais os netos que os avôs. Muitos ajudam no sustento dos netos e ajudam a cuidar quando os pais trabalham fora. À medida que os netos ficam mais velhos, o contato diminui, embora o afeto cresça. O declínio do contato é mais rápido entre gerações jovens, que geralmente tem melhor saúde, mais dinheiro e mais compromissos.

À medida que envelhecem, os indivíduos passam a “colher os frutos” que plantaram na vida adulta e na vida adulta intermediária.

1.4. Idade adulta avançada

A população global está envelhecendo, em decorrência do crescimento econômico, melhor nutrição, estilos de vida saudáveis, controle de doenças infecciosas, água pura, saneamento básico, avanços na ciência, desenvolvimento da tecnologia e da medicina. A própria população idosa está envelhecendo e a diversidade étnica dos adultos idosos está aumentando.

Algumas características são comuns a todos os idosos e facilmente observadas: a pele velha tende a se tornar mais pálida, manchada e com menos elasticidade, gordura e músculos encolhem e há a formação de rugas, ocorre o aparecimento de varizes nas pernas, o cabelo torna-se branco e fino e os pêlos ficam ralos. Ocorre também a diminuição da estatura em função do atrofiamento dos discos entre vértebras, os ossos ficam mais finos, há um risco maior de fraturas, mudanças nos órgãos internos, maior suscetibilidade às infecções respiratórias, o ritmo do coração fica mais lento, há acúmulo de gordura e tendência ao aumento da pressão.

São comuns nessa fase os problemas de visão, dificuldades com a percepção de cor e profundidade, perda sensibilidade do contraste visual, perda da audição, perda de resistência, perda do equilíbrio, aumento do tempo de reação e baixa tolerância, depressão, demência (Alzheimer e Parkinson, segundo transtorno mais comum envolvendo degeneração neurológica progressiva, caracterizado por tremor, rigidez, movimentos mais lentos e postura instável e demência enfartos múltiplos são responsáveis pelos casos de demência irreversíveis).

Trata-se de um período no qual as pessoas reavaliam suas vidas, fecham situações deixadas em aberto e decidem como melhor canalizar suas energias e passar seus dias, meses ou anos restantes.

Configura-se como uma fase de estabilidade da personalidade e da emotividade. Algumas pessoas querem deixar um legado, transmitir resultados de experiências ou corroborar o significado de suas vidas. Outros querem simplesmente curtir seus passatempos favoritos ou fazer as coisas que nunca tiveram tempo de fazer quando eram mais jovens. Outros, ainda, embarcam rumo à novas e audaciosas direções na vida.

A família na terceira idade tem características especiais. Historicamente, mesmo quando e onde a família multigeracional prevalecia, era raro se estender a mais do que três gerações. Hoje, muitas famílias em países desenvolvidos incluem quatro ou mesmo cinco gerações, tornando possível a uma pessoa ser avô e neto ao mesmo tempo.

O casamento de longa duração é um fenômeno relativamente novo. A maioria dos casamentos, como a maioria das pessoas, costumava ter um ciclo de vida mais curto. A maneira como casais resolvem conflitos são uma chave para a satisfação conjugal durante a vida adulta.

A necessidade de fornecer apoio financeiro a idosos também tem implicações para a sociedade. Outra questão importante de se considerar nessa etapa é a necessidade de esquemas de vida adequados. O sucesso de esquemas como morar com parentes ou filhos, depende da qualidade do relacionamento que existiu no passado.

Os pais não desejam ser um fardo para os filhos nem querem lhes exaurir os recursos. Contudo, os pais também podem ficar deprimidos se perceberem que não receberão auxílio. Os pais mais velhos continuam a demonstrar forte preocupação com os filhos e se angustiam quando um filho tem problemas sérios, pois podem considerar esses problemas sinais de seu próprio fracasso. Hoje em dia verifica-se que um número crescente de idosos criam ou ajudam a criar netos e bisnetos.

Irmãos e irmãs desempenham papel importante nas redes de apoio de idosos. Os irmãos, mais do que os outros membros da família, oferecem

companheirismo como fazem os amigos e, mais do que amigos, oferecem apoio emocional. O conflito e a rivalidade explícita geralmente diminuem na velhice e alguns irmãos tentam resolver conflitos anteriores, embora sentimentos subjacentes de rivalidade possam perdurar, principalmente entre jovens. Quanto mais próximo as pessoas mais velhas vivem de seus irmãos e quanto mais irmãos têm, maior a probabilidade de se confiarem com eles. Recordar as primeiras experiências compartilhadas torna-se mais freqüente na velhice. Isso pode ajudar a recapitular a vida. A perda de um irmão representa não somente a perda de alguém em quem se apoiar e uma mudança na constelação familiar, mas uma perda parcial da identidade (o dismantelo da família original remete à proximidade da própria morte).

À medida que os netos crescem, os avôs costumam vê-los com menos freqüência. Quando os netos se tornam pais, os avôs assumem novo papel: bisavós; e o novo modo de relacionamento dependerá dos vínculos que foram sendo formados nos períodos anteriores e nos projetos futuros desses indivíduos.

O Modelo de envelhecimento bem-sucedido ou ideal contrasta com a idéia de que o envelhecimento é resultante de um inevitável e intrínseco processo de perda e declínio e representa a maior mudança de foco na psicologia do desenvolvimento, em resposta ao crescente número de pessoas sadias idosas e ativas. Algumas pessoas podem envelhecer melhor que outras, de acordo com fatores modificáveis. Três componentes influenciam na maneira de envelhecer, são eles: anulação da doença ou da incapacidade relacionada à doença, manutenção elevada das funções psicológicas e cognitivas e engajamento sustentado e ativo em atividades sociais e produtivas. Os idosos bem-sucedidos tendem a ter apoio social, quer emocional quer material, o que colabora para a saúde mental, e enquanto ficam ativos e produtivos não se consideram velhos.

Em um ciclo de vida limitado, ninguém pode realizar todas as capacidades, satisfazer a todos os desejos, explorar todos os interesses ou experimentar todas as possibilidades que a vida tem para oferecer. Há tensão entre as possibilidades de

crescimento e o tempo finito em que ocorre o crescimento que define a vida humana. Escolhendo as possibilidades das quais vai se ocupar e dedicando-se a elas o máximo possível, até o derradeiro momento, cada pessoa contribui para a história inacabada do desenvolvimento humano.

Capítulo 2 - Masculinidade e Parentalidade

A função de cuidado masculino em relação a filhos, netos e bisnetos, talvez seja o campo social no qual se evidencia mais dramaticamente as grandes transformações familiares ou pressão para mudança, ocorridas no decorrer do século XX. Para discutir o cuidado masculino direto ou indireto em relação à prole faz-se necessário discutir o homem inserido no que é o masculino hoje e na relação com a história que o masculino vem construindo ao longo dos tempos. Assim, no presente capítulo apresentaremos inicialmente aspectos da construção da masculinidade sob a perspectiva de gênero para, a seguir, discutirmos a revisão sobre o cuidado masculino.

2.1. As negociações da masculinidade sob a perspectiva de gênero

A literatura científica tem se preocupado exaustivamente em entender como e por que as diferenças entre homens e mulheres têm servido para justificar o privilégio e o domínio daqueles sobre estas. Trata-se de uma preocupação relativamente recente, já que por anos as desigualdades e injustiças que marcaram e determinaram o cotidiano das relações interpessoais entre as mulheres, homens e homens e mulheres ficaram escamoteadas e invisíveis.

Em um engendrado processo iniciado há séculos, as mulheres foram submetidas a condições de dependência, subordinação, exclusão e discriminação, fato verificado em situações cotidianas e nas crenças sobre sua “natureza inferior”, leis e estruturas da organização social (CONNELL, 2002). De acordo com o referido autor, o feminismo foi um movimento que questionou essa estrutura estabelecida e pode ser entendido como um propulsor do movimento pela defesa dos direitos iguais para mulheres e homens, atrelados ao compromisso de melhorar a posição das mulheres na sociedade.

O conceito de gênero surgiu pela primeira vez em 1970, no âmbito dos estudos feministas, na obra da socióloga inglesa Ann Oakley denominada "*Sex, gender and society*". Esse conceito teve como objetivo distinguir o caráter biológico do sexo e o caráter sócio-cultural do gênero, com o intuito de investigar a realidade da vida de mulheres e homens, visando à compreensão das relações sociais existentes entre eles.

Mais tarde, uma explicação mais esclarecedora foi fornecida no artigo de Gayle Rubin denominado "*The traffic of women: notes on the political economy of sex*", publicado em 1975 na obra "*Toward an anthropology of women*" de Rayna Reiter. Nesse artigo, Rubin ressaltou que o conceito de gênero deveria supor os conjuntos de práticas, símbolos, representações, normas e valores que as sociedades elaboraram a partir das diferenças sexuais anatômicas.

Nos estudos das feministas, de acordo com Cazés (1998), as reflexões e elaborações teóricas sobre a vida das mulheres tiveram os homens e as relações hierarquizadas entre os homens e as mulheres como referência, contribuindo para a revelação do masculino ao campo do visível. Somente a partir dos anos 80 começou a haver esforços para que nos estudos sobre gênero fosse incluída a busca de entendimento sobre a condição masculina.

Maciel Junior. (2006) comenta que as relações de gênero são construídas e reconstruídas socialmente e o fazer e refazer da masculinidade oferece subsídios para a compreensão da construção e reconstrução dessas relações de modo concreto e histórico.

A publicação do livro "*Changing Men – new directions in research on men and masculinity*", organizado pelo sociólogo norte-americano Michael Kimmel em 1991 causou impacto no meio acadêmico, já que logo na introdução foi apontada a necessidade de uma revisão do conceito sobre masculinidade adotado até o momento, iniciando os estudos críticos sobre homens que não propunham modelos de causa e efeito, mas sim examinavam os vários projetos da masculinidade e o contexto

ao qual foram produzidos, sob uma perspectiva dialética dos relacionamentos interpessoais.

Connell (1995) também muito contribuiu à visão crítica da masculinidade, não tentando defini-la como de caráter natural, como um comportamento normativo, mas concentrando-se nos processos e relacionamentos por meio dos quais os homens e as mulheres conduzem suas vidas sob o respaldo do gênero. Para ele, a masculinidade é uma posição nas relações de gênero, as práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura. De acordo com o sociólogo, as distintas masculinidades não se agrupam lado a lado como estilos alternativos de vida que os homens podem escolher livremente, mas sim por meio de relações hierárquicas e de exclusão. Na maioria das comunidades há um padrão específico de masculinidade que é mais respeitado do que outros, esse é o padrão denominado hegemônico, sustentado por estruturas e normas sociais.

A masculinidade hegemônica é aquela que ocupa a posição de liderança na vida social, é a mais valorizada em dada cultura, é a que legitima o patriarcado, ou seja, garante a posição dominante do homem e a de subordinação da mulher. A hegemonia se estabelece a partir de determinada correspondência entre o ideal cultural, o poder institucional e o indivíduo. Pressupõe uma relação de poder e é historicamente móvel. Concomitantemente a esse padrão existem outros, os subordinados e marginalizados, que não atraem o mesmo respeito e, ao contrário, costumam ser duramente estigmatizados, em que podemos citar as mulheres, as crianças e todos que não sejam “um homem hegemônico normal” (CONNELL, 2005). É importante ressaltar que as masculinidades também existem não apenas no nível de padrão de conduta e vida pessoal, mas também de forma impessoal, nas comunidades, na cultura e nas instituições.

De acordo com Edwards (2005), a construção do masculino na atualidade ainda está relacionada aos estereótipos emergidos na nova burguesia do século XIX, dentre eles a honra da aristocracia e os ideais do cavaleiro medieval, seus códigos

morais e de comportamento, padrões de beleza e força masculina, valorização de atividades físicas e competições, coragem e determinação.

A compreensão das masculinidades contemporâneas envolve também o mapeamento das tendências de crise na ordem do gênero e se, por exemplo, a ordem patriarcal proíbe certas formas de emoção, relacionamento e prazer, em sua construção estão envolvidas relações econômicas, regionais e globais, bem como relações domésticas e pessoais. De acordo com Maciel Junior. (2006), os padrões de gênero atribuídos ao masculino hegemônico são heterossexuais, o masculino é construído sobre o heteronormativo e os homens fazem certas negociações consigo mesmos com o objetivo de não ter que abrir mão das prerrogativas de um masculino hegemônico e seus privilégios.

Edwards (2005) salienta que as mudanças aceleradas ocorridas desde meados do século XX e o agravamento das inquietações e insatisfações de homens e mulheres contra a ordem estabelecida sugerem questionamento a esses antigos estereótipos, proporcionando significativas modificações na família e na concepção do que significa ser homem e ser pai hoje. Tal fato leva à negociação e renegociação da função parental masculina, que ocorre paralela à transformação da sociedade, e, por isso, torna-a importante de ser estudada e compreendida.

2.2. Função parental masculina

A função parental se expressa em seres humanos, de acordo com Bowlby (2006), no sistema de apego e cuidado que envolve ter e criar filhos. Existem importantes trocas entre o cuidador e quem recebe o cuidado e é no cuidar que se estabelece o vínculo, a forma primeira de se envolver com a criança, numa relação em que as emoções não ficam de fora e que propicia os subsídios necessários para a criança desenvolver as competências de explorar o mundo. O cuidado não é competência única da mãe, mas ao contrário, varia bastante, pois depende da cultura,

classe social, sexo e gênero das pessoas que o exercem. O cuidado envolve o atendimento das necessidades básicas promotoras de desenvolvimento, sociabilidade, além da sobrevivência da espécie, respeitando aspetos da individualidade. O cuidador é, pois, a figura que supre, dá limites e socializa, e a relação pais-filhos é construída no dia-a-dia, nas pequenas coisas, no vivenciar de atividades rotineiras, com tempo para o filho e com a atenção voltada para ele.

O modo como homens e mulheres, no decorrer da história, viveram e vivem hoje a função parental está diretamente relacionado ao modo como a sociedade, ao longo do tempo e nas diferentes culturas, foi definindo a família e os papéis familiares.

Iniciamos o capítulo com a construção da(s) masculinidade(s). Mas, para se compreender a vivência da função parental masculina para um indivíduo que atravessou o século XX, também se faz necessário olhar retrospectivamente para a construção social da função parental na sociedade ocidental dos últimos séculos e, a partir daí, reconhecer como esta, ao longo do tempo e em diferentes culturas, foi definindo a família e foi atribuindo papéis familiares.

Ariès (1987) relata um sentimento de família ausente até o século XIV e incipiente nos séculos XIV e XV, com o início da organização da família em função da educação das crianças. O surgimento da família moderna deu-se, segundo o autor, no século XVIII. Na Idade Média, a vida social se organizava em torno da preservação da linhagem e da comunidade e, por isso, não havia consciência do desenvolvimento humano em estágios até a vida adulta; nascia-se e vivia-se. Segundo o mesmo autor, o gradual reconhecimento da criança como um ser com características peculiares acarretou no surgimento de um desejo de educação formal das crianças e jovens e, a partir do século XVII, a vida familiar começou a se organizar tendo como força propulsora o desejo pela escolarização. A convivência mais próxima entre pais e filhos permitiu que os laços afetivos fossem construídos e estreitados. Assim, a família moderna nuclear afastou-se do convívio compartilhado com a comunidade,

refugiando-se em casa, funcionando de modo muito distinto das organizações anteriores.

Este modelo familiar se estabilizou e foi cada vez mais dominando as camadas médias e cada vez mais urbanas da sociedade. O século XX foi marcado por profundas mudanças econômicas, tecnológicas e sociais, que acarretaram uma profunda transformação nesta organização familiar de um modo e com uma velocidade sem precedentes na história recente da humanidade. De acordo com Ariès (1987), em um espaço de apenas quatro a cinco décadas, relativas aos meados do século, valores e padrões de comportamento foram criticados, desconstruídos e revisitados pelo indivíduo e pela família, fazendo com que a família do século XX fosse marcada por instabilidade, incerteza e novidade.

No Brasil esse movimento teve algumas particularidades, fruto de um contexto histórico e social específico. No pós-descobrimento, a família patriarcal foi a matriz que norteou todas as esferas da organização social e, Segundo Costa (1999), foi modelada pelas concepções da família da antiguidade, permeadas pela moral cristã e pela concepção de que sexo e trabalho manual degradavam o homem. Assim, a sociedade familiar, predominantemente ruralista, organizou-se por meio do trabalho escravo e da dupla moral, que permitia ao homem o uso sexual de meretrizes e escravas e uma relação de conveniência com a esposa. O colonizador mostrava sua virilidade (extremamente valorizada) e a esposa tinha a função da reprodutora de legítima descendência. O cuidado às crianças era atribuído às escravas.

No século XIX, com a chegada da família real ao Brasil, de acordo com o referido autor, chegaram também o ideal da família nuclear burguesa, do liberalismo e o processo tecnológico da revolução industrial, que foram paulatinamente diminuindo o poder das famílias nativas, até então governadas pelo latifundiário, o “senhor absoluto”, o chefe da família, em uma relação vertical, e de pouca intimidade.

No início do século XX, Costa (1999) afirma que a preocupação com a higiene, característica desse período, também propôs que os vínculos entre pais e filhos

deveriam ser estreitados, tornando a criança o novo centro da família e, por conseguinte, melhor cuidada. Com isso, ficou a cargo do pai a proteção material e à mãe a educação da prole e a relação com os filhos foi marcada pela hierarquia, o adulto pai provedor sabendo mais, em uma posição acima.

Como comenta Roberto DaMatta (1987), a família patriarcal significa uma forma de sucesso ou de superioridade social, e por manter uma política de privilégios é um valor. A família patriarcal, como valor, é um ideal a ser alcançado. Vale lembrar que a família patriarcal não existe sozinha, mas só se constituiu em oposição a outras antifamílias, que delas faziam parte e das quais ela necessitava, já que o pano de fundo dessa organização era a tentativa de manter os privilégios de uma masculinidade denominada hegemônica.

A segunda metade do século XX trouxe transformações na estrutura social, e os papéis de gênero foram sendo modificados. A função parental masculina foi se descolando da tarefa única de disciplinar e prover (herança do patriarcado), e aos poucos os homens foram se responsabilizando também pelo cuidado com os filhos.

2.3. Ser pai

Hoje, vivemos em um contexto social de transformação, no qual diferentes possibilidades de exercício da função parental são continuamente construídas e experimentadas. No Brasil, de acordo com Samara (2004), sempre houve uma enorme variedade de arranjos familiares, mas a família nuclear patriarcal era predominante. Hoje o cenário é outro e a função parental contemporânea deve ser compreendida tendo-se como referência o contexto social ocidental, que contempla divórcios, recasamentos, famílias monoparentais, famílias de avôs custódios, famílias de duplas parentais homossexuais.

Com o intuito de dar conta das questões emergentes, surgiram teorias e correntes teóricas que tentaram essencialmente analisar as repercussões de tais mudanças. De

acordo com Souza (1994), a maneira como o pai foi discutido na literatura psicológica reflete a construção do que foi sendo concebido como função masculina na sociedade, cuja imagem de homem se atrelava exclusivamente ao papel do provedor. Só a partir da década de 80 é que se iniciaram estudos que pretenderam ir mais à fundo nessa questão, que começou a ser desmistificada.

Os homens foram, então, recebendo cada vez mais influências das obrigações sociais, afetivas e emocionais. Sobre isso, Souza (1994), escreve que esse novo pai nasceu:

“Em oposição ao pai tradicional, cujo papel era de único provedor e cuja única função era a de autoridade familiar. O ‘novo pai’ ou o ‘pai moderno’ é exatamente aquele homem ‘profundamente envolvido com a vida diária da família e com a criação dos filhos’” (Souza, 1994, p. 5).

Lamb (1986), Souza (1994), Meirelles (2001), Faria (2003), Maciel Junior. (2006), Moris (2008), em suas pesquisas, obtiveram resultados que indicam que os homens estão mais envolvidos com cuidado dos filhos, porém, a responsabilidade por esse cuidado ainda é considerada da mulher, tanto por elas mesmas quanto pelos homens. Figueira (1987) diz que o arcaico e o moderno convivem nas questões da família brasileira e que o grau de igualdade e democracia ainda é muito variável, repetindo, muitas vezes, os padrões tradicionais de gênero.

Após as mudanças sociais, que refletiram na construção da masculinidade e no exercício da função parental masculina, os pais estão mais envolvidos na vida de seus filhos, no cuidado das crianças e nas tarefas domésticas. Mesmo assim, as mães em geral continuam mais envolvidas com o cuidado da prole e o tempo que os pais passam com os filhos está mais próximo de se igualar ao das mães apenas nos finais de semana.

Além disso, ao se defrontar com questões como a perda da autoridade, muitas vezes o homem se vê perdido e angustiado com o novo papel que ocupa e, por vezes, retoma padrões análogos à educação que recebeu, com moldes no patriarcado.

Sobre isso Souza (2003)² coloca que:

“A paternidade afetuosa e a participação ativa no cuidado dos filhos (...) não são produto social pronto, não são papel prescrito e acabado. Dar mamadeira e trocar fraldas, sentar no chão e brincar, essas são tarefas fáceis e agradáveis. Orientar, mas sem mandar; ouvir, antes de criticar; ser compreensivo e próximo, sem dar ordens aos adolescentes, isso tudo é muito mais desafiador. O homem que joga bola e videogame perde parte da autoridade que a distância lhe conferia, o que irá obrigá-lo a navegar pelos mares bravios do não-saber, quando o exercício autoritário for questionado, rejeitado ou desmascarado pelo adolescente” (pp. 12 e 13).

Verifica-se hoje que a função parental influenciou outros aspectos da vida dos homens, como um envolvimento decrescente em atividades sociais externas e a diminuição da satisfação conjugal durante a fase de criação dos filhos, provavelmente em razão da restrição da liberdade das mães e da necessidade de ajustes a um novo papel.

Muitos sentimentos dos homens estão em ebulição frente à paternidade. Alguns deles são muito contraditórios e difíceis de serem enfrentados, principalmente porque os homens não estão habituados a olhar para dentro de si. De acordo com Cuschinir e Mardegan Jr. (2001), uma primeira dificuldade a ser vencida no novo modelo de pai é o enfrentamento da dor causada pela confirmação, na relação mais próxima com o filho, da falta do seu próprio pai e da tristeza por não ter sido criado com intimidade. O pai da atualidade vem, geralmente, de uma relação com seu pai enrijecida pelos modelos tradicionais de masculinidade nos quais a expressão de afeto não cabia, e precisa aprender de outra forma, não pela identificação com o próprio pai, mas através de repetidas experiências cotidianas de intimidade e encontro, resistindo

² Apresentação escrita pela autora no livro *O pai possível – conflitos da paternidade contemporânea*, de Durval Luiz de Faria, 2003.

ao papel de pai que lhe foi imposto culturalmente. Tal fato é vivido pelos homens de hoje como um grande desafio.

2.4. Ser avô

Até meados do século XX, os indivíduos que eram avôs, em geral reproduziam com os netos o modelo patriarcal da paternidade, herdado de seus pais e dado aos seus filhos. As relações eram marcadas por grande distanciamento e pouca intimidade, sendo a figura do patriarca sinônimo de muito respeito e cerimônia.

Hoje em dia, com a atual longevidade, muitos adultos passam diversas décadas como avôs e vivem para ver os netos ficarem adultos e terem bisnetos. O número de avôs em nossa sociedade é crescente, e muitos têm ainda pais vivos cujos cuidados eles tem de contrabalancear com as necessidades dos netos. Há avôs que são os cuidadores de seus netos, pois seus filhos não tiveram condições de fazê-lo (de Toledo & Brown, 1995; Rothenberg, 1996; Smith, Dannison & Vacha-Hassen, 1998; Smith & Dannison, 2002; Lopes, Park, 2004; Milles, 2007). Segundo os mesmos autores, isso pode promover esgotamento físico, emocional e financeiro para esses adultos que por vezes necessitam abandonar seus trabalhos, arquivar seus planos de aposentadoria, reduzir suas horas de lazer e administrar o sentimento de culpa advindo da sensação de fracasso por não terem cuidado direito de seus filhos.

Em geral, esses relacionamentos são mais próximos do que outrora. Segundo Papalia, Olds & Feldman (2009), estudos realizados durante anos 60, 70 e 80, mostram que os homens de meia-idade estão mais abertos em relação aos sentimentos, mais interessados em manter relacionamentos íntimos e mais generosos com seus filhos e netos – características tradicionalmente rotuladas como femininas - do que quando jovens, ao passo que as mulheres de meia-idade tornaram-se mais assertivas, autoconfiantes, orientadas por objetivos, características tradicionalmente

atribuídas aos homens, fato que se relaciona ao reflexo das transformações sociais e as significações e ressignificações que foram feitas por esses indivíduos.

2.5. Ser bisavô

Em função da idade, do declínio da saúde e do desmembramento das famílias, os bisavôs tendem a ser menos envolvidos do que os avôs na vida de uma criança, e uma vez que as famílias de quatro a cinco gerações são relativamente novas, há poucas diretrizes de aceitação geral para o que os bisavôs devem fazer. Entretanto, a maioria encontra satisfação nesse papel. Ser bisavô traz um senso de renovação pessoal e familiar, uma fonte de diversão e uma marca de longevidade (PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2009).

Os estudos científicos que se referem ao processo emocional que envolve o ser bisavô, de um modo geral, apontam sentimentos positivos, destacando-se a longevidade e o prazer, bem como os sentimentos de alegria e orgulho vividos nessa fase (BRITO e PINTO 2007; BEAN, McALLISTER, & HUDGINS 2001; DREW & SILVERSTEIN 2004; MIETKIEWICZ & VENDITTI 2004). Os avôs e bisavôs, de acordo com os referidos autores, são importantes para suas famílias, são fontes de sabedoria, parceiros de jogos, oferecem apoio emocional já que são o elo com o passado e símbolos da continuidade da vida familiar. Estão envolvidos na derradeira função generativa: expressar o desejo humano de transcender a mortalidade investindo em si próprios nas vidas das gerações futuras. Esses indivíduos freqüentemente mostram-se insatisfeitos com a baixa freqüência que vêem seus familiares e o contato escasso que têm com suas famílias. Mesmo assim, preocupam-se muito em ajudar suas famílias (PAPALIA, OLDS & FELDMAN, 2009).

Podemos dizer, então, que as transformações sociais levaram ao questionamento da engendrada dinâmica de gênero que, por muito tempo, sustentou a naturalização de um modelo de masculino e, com isso, manteve o poder do grupo hegemônico, em

detrimento dos demais. Essa organização social manteve uma política de privilégios da masculinidade hegemônica. Os questionamentos e transformações sociais que marcaram a segunda metade do século XX refletiram, sobretudo, nos alicerces que mantinham essa estrutura, ou seja, nas questões relativas à masculinidade. Por isso, as transformações sociais causaram grandes mudanças nas relações familiares e na função parental masculina.

Como foi possível observar, o homem contemporâneo foi educado segundo um modelo patriarcal de cuidados, em que cabia ao pai a tarefa de disciplinar e garantir o provento da família, em um relacionamento vertical e de distanciamento afetivo dos filhos. Será que por ter recebido semelhante modelo de seu pai, a referência de cuidado masculino foi análoga ou ocorreram negociações? Se não houve negociações no que se refere à paternidade, com o advento da longevidade, muitos homens tem a chance de tornarem-se avôs e até mesmo bisavôs e, no cuidado com os netos há novas aproximações? E como são percebidas as relações menos hierárquicas dos próprios filhos e netos com a prole? No próximo capítulo será explicitado o método pelo qual buscamos nos aproximar destes questionamentos.

Capítulo 3 - Método

O presente estudo visou, por meio do estudo de caso da história de vida de um bisavô, compreender como a função parental masculina foi sendo significada esse homem, que atravessou o século XX.

Caracterizou-se como um trabalho descritivo-qualitativo, cujo enfoque foi a narração que o participante fez de sua vida: como ele a relatou, o que ele priorizou nestes relatos e que considerações fez a respeito daquilo que viveu.

A finalidade desse estudo foi a busca da compreensão de um fenômeno, mais do que sua explicação, e para isso um conjunto específico de técnicas foi utilizado.

A investigadora precisou estar envolvida e ao mesmo tempo manter certo distanciamento que lhe permitisse o posterior pensar sobre o que ouviu. A ela coube exercer um papel de coparticipante da realidade observada, tendo responsabilidade pelo material produzido. Como ressaltam Berg & Smith (apud Maciel Junior, 2006, p.72), é fundamental considerar a subjetividade do pesquisador, bem como sua responsabilidade pelos “*dados coletados*”. Além disso, ele deve ter clareza de que estes “*dados*” irão se constituir a partir dos contextos específicos de interação ocorrida durante as entrevistas, o que significa que a forma como estas relações se estabelecem (empatia, confiança) contribui sobremaneira para a configuração das narrativas desenvolvidas, que comportarão características bastante peculiares, apesar de tratarem do mesmo tema.

A estratégia metodológica utilizada foi a história de vida (também descrita como autobiografia, que se diferencia da história oral no sentido de que esta sempre comporta um foco específico – um evento, um tema, um tempo ou um lugar), que oferece informações e documentação acerca da experiência social, da ideologia e da subjetividade. A história de vida também possibilita a revelação da estrutura e da dinâmica presente nas instituições sociais, pois se refere ao fazer da vida social ao

longo do tempo. Fornece um estudo apropriado do indivíduo e da sociedade, já que há uma recursividade entre estes dois níveis de experiência.

A história de vida possibilita ainda a apresentação do desenrolar de uma experiência particular de vida ao longo dos anos e pode ser utilizada para mostrar como uma pessoa é influenciada por sua época e como colaborou para dar forma a ela (LEVINSON, 1978).

A vida individual e o papel que ela desempenha na comunidade mais ampla são melhores compreendidos pela história de vida. As pessoas se tornam completamente conscientes de suas vidas quando se submetem ao processo de articulá-las no formato de uma narrativa. É desse modo que a história é contextualizada e adquire um significado reconhecido pelo próprio sujeito. Narrar a própria vida permite ao sujeito ser ouvido, reconhecido e apreciado pelas demais pessoas. A autobiografia favorece a explicitação daquilo que estava implícito e o esclarecimento do que estava confuso. É um tipo especial de entrevista que não explora os motivos inconscientes, embora ofereça pistas da dinâmica emocional de seus participantes.

A história de vida vem, então, sendo utilizada em pesquisas sobre temas diversos, tais como: envelhecimento, problemas de aprendizagem, abuso sexual, migração, questões de gênero e etc.

O uso do método autobiográfico permite ao pesquisador trabalhar somente com entrevistas abertas ou, caso avalie ser necessário, dirigi-las para focos específicos de interesse. Na condução da entrevista, deve-se permitir ao entrevistado que conte sua história e, simultaneamente, devem-se realizar intervenções que o auxiliem a manter o rumo do relato, apreendendo situações particulares, ações e sentimentos.

De acordo com Levinson (1978), a entrevista de história de vida combina aspectos de entrevista de pesquisa, da entrevista clínica e da conversa entre amigos:

- Como numa entrevista estruturada de pesquisa, devem-se obter informações sobre alguns tópicos,
- Como numa entrevista clínica, o entrevistador é sensível aos sentimentos expressos e segue a orientação e construção do entrevistado ao longo dos temas,
- Como em uma conversa entre amigos, a relação é igualitária e o entrevistador está livre para responder em termos de sua própria experiência.

É uma relação que envolve intimidade, intensidade e duração. É importante que o entrevistador dê importância ao desenvolvimento do vínculo na entrevista, o mantenha no decorrer do encontro e nos próximos (caso ocorram), até o término do trabalho. É, portanto, um processo longo, trabalhoso e custoso.

A utilização desse método nesse estudo justifica-se à medida que forneceu informações acerca da subjetividade e, concomitantemente, refletiu as transformações sociais, interrelações e ressignificações feitas pelo indivíduo, exatamente o que se pretendeu compreender e analisar aqui.

3.1. Participantes

O critério inicial de inclusão do participante nesse estudo foi a fase no ciclo vital a qual estava inserido, e Carlos foi selecionado para a entrevista, pois já havia se tornado bisavô. Outros critérios como nível sócio-educacional, estado civil e profissão não foram controlados intencionalmente. Por se tratar de um estudo que visou compreender a vivência, ou seja, as significações e ressignificações feitas acerca da função parental masculina por uma pessoa que atravessou o século XX, permeado por mudanças, analisou-se e discutiu-se no presente trabalho a história de vida desse participante.

A caracterização de Carlos (nome fictício) foi feita de modo a impedir sua identificação, utilizando para isso nomes fictícios também para as pessoas

mencionadas por ele na entrevista e ocultando dados, já que a exposição da história de sua vida poderia comprometer também essas pessoas citadas.

Vale ressaltar que a viabilidade desse estudo foi analisada e ele foi aprovado, sob o Protocolo de Pesquisa nº 276/2008, pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo “*por não apresentar qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético*”. (Parecer sobre o Protocolo de Pesquisa nº 276/2008).

3.2. Procedimento

Carlos foi contatado por telefone, por meio da indicação de amigos. Na ocasião, foi-lhe explicitado que esta pesquisa tinha como interesse conhecer a história de vida de homens que se tornaram bisavôs, e foi observada sua disponibilidade para participar de encontros de duração de cerca de duas horas. Já nesse momento, foi-lhe solicitada a permissão para a gravação das entrevistas bem como o registro dos dados.

O número de encontros foi definido de acordo com o desenrolar de cada entrevista e/ou disponibilidade do participante e realizou-se uma entrevista com duração de 3 horas ocorrida em local privado, na casa do participante, por sugestão e conveniência do mesmo, e foram tomados os devidos cuidados para a manutenção do sigilo.

Carlos autorizou a gravação e registro dos dados. Após essa entrevista, o participante sugeriu que a pesquisadora o contatasse pela rede de relacionamento digital *Skype*, caso julgasse necessário, e forneceu-lhe seu “endereço”. Devido à necessidade de esclarecer e aprofundar alguns temas relatados na primeira entrevista, a pesquisadora realizou mais 3 contatos com o participante através do *Skype*.

A pesquisadora se disponibilizou, no decorrer dos encontros e contatos, a acolher e dar continência aos sentimentos e ideias presentes, caso houvesse necessidade.

3.3. Instrumento

O instrumento utilizado foi a entrevista de história de vida. Neste tipo de entrevista, pede-se ao informante que apresente, em uma narrativa improvisada, a história de sua vida ou a história de um tema de interesse do qual ele tenha participado ou vivido. A tarefa do entrevistador é fazer com que o informante conte esta história de modo consistente, com todos os eventos relevantes, do início ao fim.

Plummer (2001) afirma que a entrevista de história de vida é um processo e, assim, o pesquisador deve estar preparado para retomar e fazer novas perguntas ou esclarecer pontos obscuros.

Nessa pesquisa Carlos foi, em um primeiro momento, estimulado a relatar sua história de vida da maneira que escolhesse e, como houve necessidade, outros 3 contatos foram estabelecidos através da rede de comunicação virtual *Skype*, seguindo a sugestão e com a autorização do participante. Esses outros contatos tiveram por objetivo a explicitação, explanação e resolução de dúvidas e detalhamento de tópicos considerados importantes pela pesquisadora do ponto de vista do objetivo do estudo.

O foco de interesse desse estudo foi a compreensão de como a parentalidade foi sendo significada e ressignificada por Carlos no decorrer de sua vida. No entanto, as entrevistas cobriram o total da experiência do indivíduo com o intuito de identificar e compreender as práticas que constituíram a experiência nos vários domínios de sua vida (o que o participante fez e como fez), como ocorreram as transições de estágio de desenvolvimento e institucionais, como foram os relacionamentos nestas instituições (escola, família, trabalho, casamento).

Também se buscou evidências acerca das estruturas de gênero: poder, relações de trabalho e catexis nos diferentes períodos da vida.

3.4. Análise dos resultados

As entrevistas foram gravadas e anotadas e depois foram transcritas na íntegra, a fim de que se pudesse ter o material completo findo cada encontro.

Foram realizadas diversas leituras e sínteses das narrativas, com o objetivo de se obter um relato condensado que ao mesmo tempo contivesse as informações mais significativas, na forma apresentada pelo participante. Os relatos foram enriquecidos com as notas realizadas pela entrevistadora, relativas à forma e ao conteúdo das falas: estrutura da história, partes esquecidas, mudanças nos indicadores, pausas.

As narrações individuais foram codificadas e redigidas no formato de estudos de caso e foram analisadas identificando o fazer e o desfazer da parentalidade. Por fim, foi realizada a discussão e articulação com a teoria, a fim de que o processo fosse localizado enquanto um movimento social.

Capítulo 4 – Resultados e Discussão

O uso da história de vida proporciona muitas informações sobre a vida do indivíduo entrevistado e a apresentação e discussão dos resultados obtidos requerem a escolha e a elaboração do que foi dito, de modo a responder ao problema que este trabalho propôs-se a investigar.

O intuito desse trabalho foi compreender como a função parental masculina foi sendo significada por um indivíduo que atravessou o século XX. Para isso, a discussão aqui apresentada teve como foco a inter-relação entre o nível interpessoal e social desse indivíduo, a fim de se observar como esse processo se deu no decorrer de sua vida.

Foi apresentada nesse capítulo a síntese da história de vida do sujeito dessa pesquisa. Concomitantemente, foi exposta uma discussão dinâmica e reflexiva que procurou identificar os movimentos de construção da função parental masculina por esse indivíduo e seu fazer e refazer ao longo do tempo.

Embora tenham sido expostas no Capítulo 1 as concepções contemporâneas de ciclo vital, que consideram diferentes etapas ao longo da vida, na narrativa de Carlos pode-se perceber que essas distinções ocorreram relacionadas ao trabalhar, sendo este o responsável pela transição das etapas de seu ciclo vital. Questões relativas à meia-idade ou aos conflitos conjugais, por exemplo, não apareceram em seu relato, ou porque não aconteceram ou porque não são significativos em sua perspectiva presente.

Desta maneira, o seu ciclo foi dividido em 3 etapas: a primeira referiu-se ao período de sua infância e adolescência; a segunda referiu-se à sua vida adulta, e essa passagem foi marcada pela sua inserção ao mercado e trabalho. Por fim, a transição à

terceira fase, concernente à idade adulta avançada, foi marcada pela aposentadoria, ou seja, o período no qual deixou de trabalhar.

A maneira de apresentação da descrição e discussão da biografia levou em conta o compromisso ético de não expor o participante que colaborou com esse trabalho nem as demais pessoas que compartilharam (compartilham) estas histórias, por isso, ele e as pessoas citadas em seu relato foram referidos com nomes fictícios. Carlos, como mencionado no Capítulo 3, foi o nome fictício dado ao participante. Os demais serão apresentados ao longo do seu relato.

Carlos se mostrou disponível e solícito desde o momento inicial da proposta de efetuar um relato da história de sua vida, antecipando seu posicionamento frente à entrevista e buscando confirmação constante da entrevistadora a fim de corresponder aos objetivos e anseios da pesquisa. Escolheu sua casa para a realização dessa tarefa e, com o término do primeiro encontro, se mostrou disponível a possíveis esclarecimentos e outros encontros que se fizessem necessário, fornecendo para isso o seu endereço na rede de comunicação virtual Skype.

4.1. Infância e Adolescência

Carlos iniciou seu relato de história de vida situando-se dentro da configuração familiar: é o primeiro filho homem de uma família de 9 filhos. A ênfase dada ao fato de ser o filho homem mais velho deu pistas, logo no início, do modo tradicional de organização de sua família, que depositou na figura do filho homem mais velho a responsabilidade sobre a continuidade da linhagem e ao fato de, durante esse período, as relações serem marcadas por grande hierarquia, em que as crianças e os jovens deveriam respeitar e obedecer os mais velhos.

Contou que nasceu na Alemanha em março 1929 e veio para o Brasil na véspera da Segunda Guerra Mundial, com 10 anos de idade, junto com seus pais e 5 irmãos, os 3 irmãos caçulas nasceram quando a família já havia se instalado no Brasil. Sua família nuclear migrou pois seu pai era político, deputado de um partido oponente ao regime nazista, e por isso acharam perigoso continuar vivendo na Alemanha.

Carlos relata se lembrar pouco de sua vida na Alemanha. Saiu ainda pequeno de Berlim para ir morar em um vilarejo perto de Colônia, terra de sua mãe, sob os cuidados do avô materno Cristian, que viva em um sítio que na verdade funcionou como refúgio para a família. Nessa época, sua mãe ficava a maior parte do tempo em Berlim com seu pai e com 2 filhos ainda bebês.

Em um primeiro momento, Carlos referiu que as crianças ficavam sob os cuidados do avô Cristian. No entanto, ao detalhar essa experiência, comentou que os cuidados dispensados pelo avô referiam-se ao provento da família, já que a educação das crianças ficava a cargo de mulheres, as tias, irmãos do avô, indicando uma divisão tradicional do cuidado distribuído entre funções masculinas e femininas (COSTA, 1999).

Carlos demonstrou grande admiração pela figura de seu avô, sobretudo porque ele tinha, segundo o seu relato, atributos valorizados socialmente para o masculino hegemônico: era forte, trabalhador e preocupado com o provento da família (Kimmel, 1991; Connel, 2005).

Este masculino tradicional que se expressa também na distância que garante a postura de disciplinador (Lamb, 1986; Souza, 1994) é refletida em sua avaliação da relação com o avô. Hoje em dia, ao analisar sua vida, mostrou-se satisfeito com a relação que estabelecia com ele, mas ponderou que quando criança sentia certo distanciamento afetivo e, por vezes, medo da figura do avô, já que se preocupava em corresponder aos anseios e aos papéis de gênero socialmente atribuídos ao ser masculino e cobrados por esse avô. A figura parental do avô é relacionada por ele ao

modelo patriarcal de parentalidade, sendo ele a autoridade absoluta e inquestionável (COSTA, 1999).

“Era muito bom viver com meu avô, eu gostava muito dele” e completou a frase evidenciando que às mulheres cabiam as funções concernentes à educação e cuidados com as crianças:

“Na verdade, quem cuidava das crianças, tomava lição, dava banho e etc., eram as tias, irmãs dele, porque ele tinha que tocar o sítio, cuidar dos animais... Mas lembro que toda tarde ele ceava conosco, e perguntava como tinha sido o nosso dia. Eu admirava ele, mas não tinha muita intimidade... Eu tinha muito respeito por ele. Como eu era o neto homem mais velho, às vezes eu ia cuidar dos animais e das plantações junto com meu avô. Eu ficava muito orgulhoso com isso e ficava preocupado para fazer tudo certo, não queria desagradar, e isso me dava medo às vezes”.

O relato de Carlos também evidencia a hierarquia presente nas relações. Por ser o neto homem mais velho, recebia privilégios (CONNELL, 2005) em relação aos demais irmãos e a tarefa de aprender o ofício do avô.

Ele disse não se lembrar muito da avó, figura inexpressiva na sua vida de então, já que ela não morava mais com o seu avô e só raramente visitava os netos. Carlos relata não saber muito desse assunto, pois mesmo tendo privilégios em relação aos irmãos, a distância entre adultos e crianças também fazia parte desta família organizada hierarquicamente. Assim, o fato de ser criança lhe impedia de participar de algumas questões que, segundo seu avô, pais e tias eram concernentes ao “*universo adulto*”.

“Naquela época, diferente de hoje, as crianças não se intrometiam na vida dos adultos. Algumas coisas a gente nem perguntava, não podia perguntar”.

O uso do termo “*intrometiam*” já nos oferece pistas de sua avaliação das perdas na organização das famílias atuais, nas quais os limites entre adultos e crianças, assuntos de adultos e de crianças, se tornaram mais tênues.

Ao comentar tal fato, Carlos ri e descreve que ainda hoje não sabe os pormenores do afastamento dos mesmos, pois a insígnia de não se intrometer na vida dos adultos ficou tão forte para ele que nunca sequer ousou perguntar, mesmo após ter se tornado adulto, fato que evidencia o modelo hierárquico de relacionamento não só com o avô, mas a introjeção deste modelo hierárquico de relacionamentos familiares (masculino e feminino, adulto e crianças):

“É engraçado, mas até hoje não sei direito o que aconteceu... Sei que eles não se davam mais bem... O avô bebia bastante... daí acho que eles se desentenderam”.

Dentre as reminiscências dessa época, estão as lembranças das festas de Natal e de São Nicolau, pois lá São Nicolau que distribuía os presentes. Lembrou-se também do convento da vila que morava em que era obrigado pelo avô a ser coroinha e a ter aulas de religião. Tal fato deixa clara a relação de respeito e submissão à figura do avô. Relatou que em alguns momentos ficava irritado de ter de cumprir algumas determinações deste, mas sabia que sua ordem era inquestionável e, por isso, obedecia. No entanto, Carlos disse não guardar ressentimentos sobre isso e comentou que tentava achar algum interesse nessas obrigações que lhe eram impostas.

“Sabe, às vezes eu ia contrariado para a Igreja, porque tinha que parar a brincadeira com os amigos. Mas eu ia e depois tentava me divertir, passar o tempo... Eu não podia contestar o avô. Isso sempre foi uma regra muito clara para mim. Hoje eu sei que essa disciplina me ajudou a chegar onde eu cheguei, fico feliz por isso”.

Ao rememorar essa época, sorriu ao lembrar-se de ter sido coroinha no casamento de uma tia sua e de ter avistado o *Zeppelin*:

“Eu me lembro de lá da minha primeira comunhão, do casamento da minha tia, do convento e de ver o Zeppelin passando... Eu sempre estive interessado na aviação. Ele passou lá uma vez ou duas e eu fiquei entusiasmado de ver o Zeppelin”.

Em 1937, seu pai percebeu que corria perigo de vida na Alemanha e optou por levar sua família nuclear para Roma, na Itália, buscando segurança até poderem retornar à Alemanha. Sobre essas mudanças, Carlos demonstrou existir um modelo de relacionamento hierárquico (COSTA, 1999) também na relação com seu pai, forjado sobre a égide de que criança é criança, e não deve ser participada de assuntos referentes ao “*mundo dos adultos*”, muito menos dar algum palpite sobre os fatos tais como se apresentavam. Em sua fala, Carlos disse que concorda com tal pressuposto, já que os pais precisam ter autoridade em relação aos filhos, sendo bons disciplinadores e multiplicadores de um “*bom modelo de figura parental*”, ou seja, do patriarca e bom provedor (BERNARD, 1981).

Na ocasião, Carlos percebia como “*natural*” o que acontecia, muito embora identificasse em seus pais certo autoritarismo e a hierarquia que permeava as relações, evidenciando como este conjunto de referências foram seus constitutivos naturalizados da ‘realidade’ (DaMATTA, 1987):

“Meu pai nunca explicou nada, a minha mãe um pouco, mas a gente ainda não tinha idade para isso. A gente achava isso natural, a gente gostava do que acontecia”.

Carlos demonstrou grande apreço e admiração por sua mãe, enaltecendo e orgulhando-se do fato dela ter sido uma mulher muito culta, que lia muito, o que evidencia o fato de ter ela sido reflexo de uma sociedade de entre guerras, cujo papel de gênero atribuído ao ser feminino parecia flexibilizado. No entanto, considerou que com os filhos ela teve, segundo o seu relato, um relacionamento de distanciamento

afetivo, já que pouco se ocupava com o cuidado e delegava aos empregados e professores particulares essa obrigação.

“Minha mãe era uma pessoa extraordinária, mas ela achava que mostrar carinho era uma fraqueza, ela era muito durona”.

Carlos relatou que sentia muita falta do carinho de sua mãe quando era pequeno, e não entendia seu afastamento. Percebe-se aqui a ideologia do papel de gênero atribuído ao feminino, em que mãe era sinônimo de ser cuidadora. Como coloca Souza (1994), a maternidade e a paternidade são funções ligadas ao sexo e os papéis ligados ao gênero se tornaram tão firmemente enraizados que muitos traços de personalidade que os acompanham, foram consideradas características inatas de um sexo ou de outro. Essa influência da ideologia no modo de organização social é refletida inclusive na maneira como Carlos percebe (percebia) sua mãe e as figuras femininas de sua referência.

Durante a infância, segundo ele, as tias é que eram as pessoas de referência, mas mesmo com elas ele não se sentia à vontade para demonstrar seus sentimentos. Carlos comentou que à medida que foi crescendo, foi aprendendo a *“engolir os seus sentimentos”*, o que tanto alude aos estereótipos masculinos de contenção de sentimentos (Kimmel, 1991; Connel, 1995) quanto um possível viés relativo ao momento histórico-cultural de uma Alemanha sob o nazismo:

“Lembro-me que algumas vezes me escondia no pomar e ficava todo encolhido, com vontade de chorar. Às vezes ficava triste, amuado, acho até que as tias percebiam, mas ninguém falava no assunto. Com isso, hoje vejo, fui aprendendo a não falar dos meus sentimentos, a engoli-los. Por isso que é difícil falar deles”.

Essa dificuldade dos homens lidarem com seus sentimentos relativa sobretudo ao papel de gênero a eles atribuídos de que ser homem é sinônimo de ser forte, e que *“homem não chora”*, aparecem, na maioria dos estudos referentes a homens.

Ao falar do pai, Carlos descreveu que ele era uma figura influente e importante, fato que também lhe enche de brios. Entretanto, devido à quantidade de compromissos que tinha, sentia-o distante:

"Meu pai era um homem que vinha e sumia e viajava, ele não participava muito das coisas da família. Quando eu era pequeno e morava com o meu avô, eu quase não sentia a falta dele, mas depois fui crescendo e fui querendo ficar mais próximo. Só depois, quando eu já estava mais crescido e quando já tínhamos nos mudado para o Brasil é que nossa relação ficou mais próxima".

Com a união de Hitler e Mussolini, a história teve um desfecho distinto do que o seu pai imaginava e, temerosos com essa aliança e de possíveis perseguições também na Itália, o pai de Carlos resolveu *"levar a família mais longe"* e, em 1939, a família migrou para o Brasil.

O pai de Carlos trabalhava na Alemanha em uma Organização que regulava a migração interna no país. Por isso, já havia viajado para o Brasil algumas vezes e tinha contato com uma empresa Inglesa, detentora de uma grande área de terra no Paraná, que revendia aos imigrantes que almejavam se consolidar no Brasil. Para conseguir o visto de entrada no Brasil, façanha difícil na época, o pai de Carlos recorreu aos seus contatos do Vaticano e ao Papa Pio XII.

Carlos recorda que quando o navio que trouxe sua família aportou no Brasil, era o dia do seu aniversário de 10 anos, mas não houve comemoração nenhuma e ele se recusou a descer, mas:

"... No dia seguinte o navio aportou em Santos e desembarcamos. Eu lembro que era muito complicado com a bagagem, que tinha que passar pela alfândega e esse procedimento é demorado. No fim do dia, subimos de trem para São Paulo e ficamos hospedados em um hotel por 2 ou 3 dias, para depois irmos para o Paraná".

Relatou que após a mudança para o Brasil e consequentemente as alterações decorrentes do novo estilo de vida, mais simples, houve alterações significativas em sua relação com seu pai. Por ser o filho homem mais velho Carlos descreveu que seu pai, assim como seu avô, lhe delegavam tarefas de cuidado e auxílio com a propriedade, o que evidencia novamente um padrão vertical de organização familiar (COSTA, 1999). Sobre isso descreve:

“Tinha que ajudar bastante o meu pai. Tinha que ir a cavalo para a cidade todos os dias, buscar correspondência. Meu pai só mandava e a gente trabalhava, ele achava que era bom a gente aprender um ofício”.

“Tivemos muitas conversas, principalmente depois, quando chegamos no Brasil. Eu ajudava na fazenda e quando meu pai não tinha nada o que fazer então ele ficava na fazenda com a gente, a gente ficava conversando, era uma família. Ele sentia muita falta da Alemanha, da nossa vida lá, porque lá ele tinha um reconhecimento muito grande, era uma figura importante, conhecida. Aqui tinha que ficar no meio do mato... Isso era bem difícil para ele. Contando para a gente eu via que ele não deixava aquele prestígio todo morrer dentro dele. Nós ficávamos admirados”.

Esses relatos evidenciam um período de transição social, em que padrões de comportamento começaram a se transformar sem que as concepções antigas fossem abandonadas. Sua relação com a mãe lhe causava estranheza, já que se diferenciava do padrão social até então vigente, da figura feminina exercendo exclusivamente a função de cuidadora e educadora da prole. Sua relação com seu pai, em especial após a chegada ao Brasil, também lhe era estranha, já que lhe permitia um espaço de diálogo e proximidade até então nunca experimentados.

“Antes eu achava que a relação com o pai era muito distante. Quando piá eu sentia falta dele, mas depois nós ficamos mais próximos... Mas claro, eu sempre obedecia...”.

Essa aparente “abertura” continha limites, e a figura do pai não deixava de refletir o modelo patriarcal da educação e um modelo social de organização em que a sustentado por uma engendradora cultura de privilégios. Tal fato ficou evidente em seu relato quando ele relaciona-o a uma boa figura parental por ser um bom provedor e um bom disciplinador dentro da concepção de que ser masculino é sinônimo de ser trabalhador, viril e correto (COSTA, 1999). Sua percepção da necessidade de seu pai ter de contar e recontar aos filhos sua condição de poder também elucida tal concepção.

Carlos considera hoje ter sido de grande valia e importância o modo como foi educado, pois desde pequeno aprendeu a assumir responsabilidades e a realizar com diligência suas obrigações, fato que evidencia a influência dos modelos de seu avô e pai na construção de sua própria masculinidade e, de modo indireto, sua parentalidade, sempre os tendo como referência.

Carlos relatou que seus pais sempre deram muito valor ao conhecimento e comentou, orgulhoso, que fizeram questão de formar todos os filhos e que ele também conquistou tal façanha em relação à sua prole. Na Alemanha freqüentava a escola, e, ao se mudarem para a Itália,

“Fomos à escola italiana. Eu fiz até acho que até o 2º, 3º ano primário lá. Além do alemão e do português, também falo o italiano e o inglês!”.

Carlos comentou que seu pai pensava que a vinda para o Brasil seria provisória e por isso, ao chegarem, fez questão de que a família mantivesse certos costumes europeus. Contratou então um professor particular a fim de garantir o decurso do processo de escolarização dos filhos nos moldes europeus e, com isso, ter garantias de transmitir aos filhos a continuidade e reprodução dos valores sociais e culturais que acreditava e zelava.

“Ele pensou que não fosse abrir mão [de sua influência política e sua projeção social] e que voltaria logo para a Alemanha, então, achou bom que os filhos

recebessem uma educação alemã. Ele veio com um professor para ensinar a gente, para não perdermos esse tempo e para quando voltássemos para Alemanha, sabermos as coisas”.

Esse professor acompanhou a imigração da família e foi morar com eles na fazenda no norte do Paraná. Após dois anos de aulas particulares, o pai de Carlos percebeu que a Guerra não terminaria tão logo e que sua família teria de se radicar no Brasil. Novamente, observamos que a decisão é do pai e é ele que sozinho resolve, então, que os filhos mais velhos passariam a freqüentar um colégio brasileiro e mandou Carlos e seu irmão Túlio, 2 anos mais novo, para um internato de padres em uma cidade próxima da fazenda que moravam, no interior do Paraná.

Carlos se referiu com muito carinho a Túlio, o único irmão homem, evidenciando uma relação de cumplicidade, em que a demonstração do afeto era possível. Comentou que, por ser mais velho, sentia-se o “pai” dele, ou seja, reproduzia na relação com o irmão o modelo hierárquico de relacionamento, também verificado em sua relação com seu pai e seu avô. No entanto, o relato também fez emergir certa diferença no padrão de relacionamento em comparação ao estabelecido com seu pai e avô, já que Carlos não se obrigava a manter com o irmão o papel do mais valente, indicando a intimidade, proximidade e flexibilidade desta relação na qual aparece a complementaridade muitas vezes frequente nas relações fraternas a qual pode, inclusive ter se aprofundado quando da saída de casa para o colégio interno.

“Sou 2 anos mais velho. Eu é que mandava nele para resolver os pequenos problemas. Ele era mais valente do que eu, quando era para bater, ele brigava e eu ficava olhando. Você sabe que eu nem me incomodava com isso? Achava que irmão era para essas coisas... Nós fazíamos uma grande dupla!”.

Em relação às irmãs, Carlos não se deteve a detalhes sobre seus relacionamentos, apenas refere que Vânia era a mais velha e mudou-se para São

Paulo para fazer um curso de enfermagem. As outras meninas continuaram estudando na fazenda com o professor particular e se formaram posteriormente.

Na escola, Carlos descreveu que sofreu grande discriminação por parte dos colegas, e justificou:

“O Brasil resolveu entrar na Guerra no lado dos EUA, então, o povo ignorante achou que todo alemão era nazista. Não podíamos falar alemão, não podíamos possuir rádio, nada, precisávamos ir à polícia para ir ao colégio. E na escola, naturalmente, aqueles meninos não sabiam nada e achavam bom tratar mal os alemães. Os padres eram alemães e protegiam a gente, mas, quando vinha notícia no rádio que os alemães tinham feito uma grande conquista na França ou na Rússia, eles falavam: ‘Lá eles estão ganhando, mas aqui o alemão apanha e quando era ao contrário, quando os aliados ganhavam alguma batalha, então eles falavam que também iam bater nos alemães. Mas não era nada assim sério...”

Mesmo verbalizando que as provocações não eram muito sérias, Carlos relatou que nesse período sentia muita saudade e vontade de voltar para sua casa. No entanto, tinha que passar por cima desses sentimentos, pois sabia que essa era uma questão inegociável com seu pai e não havia como efetuar questionamentos, pois Carlos temia não só o confronto com o pai, mas também o sentido de ataque a sua masculinidade que isto poderia significar. Verifica-se que, tal qual ao avô, Carlos também percebia o pai como a autoridade absoluta, inquestionável, aquele que decide, tendo todos que acatarem. Durante sua trajetória escolar, muitas vezes seu pai mudou o curso dos acontecimentos sem lhe consultar previamente.

“Gostar eu não gostava... Ficava muitas vezes bem triste. Eu e o Túlio. Mas não dava para falar para o pai, ele não ia ouvir e ainda ia dar bronca na gente, ou chamar a gente de fraco”.

Após uma temporada nesse internato, o pai de Carlos achou melhor que os filhos fossem estudar em Curitiba, sem ao menos participá-los dessa escolha, frisando mais uma vez sua imagem de autoridade absoluta.

“O porquê eu não sei, mas era mais longe de casa ainda, eu só vinha para cá nas férias grandes, no fim do ano. Eu ficava quase 10 meses seguido fora de casa”.

Tal fato deve ter gerado um estreitamento ainda maior da relação de Carlos com o irmão Túlio, mas, depois de algum tempo, o pai decidiu que Carlos moraria em São Paulo. Carlos disse ter sido pego de surpresa pela notícia. Estava de férias e quando chegou o momento do retorno o pai anunciou-lhe que não iria mais para Curitiba, mas sim para São Paulo, pois um amigo havia conseguido uma vaga uma escola britânica em São Paulo. Nesse momento, os irmãos se separaram e Túlio continuou a viver em Curitiba. Não houve preocupação com os sentimentos de qualquer um dos filhos sobre este agora outro distanciamento. Sobre isso descreve:

“Eu hoje sei que meu pai fazia isso para o meu bem. Ele era muito bem relacionado e conseguiu excelentes oportunidades. Mas naquela época eu ficava com raiva dele às vezes... Não tinha conversa... Eu não via a hora de poder me sustentar, sabe?. Acho que por isso é que foi bom, eu consegui minha autonomia cedo...”.

Carlos frisou que não era fácil acatar as decisões de seu pai e relata ter sofrido com isso. Mas, ressignificou-a ao longo do tempo, além de indicar como percebe a contribuição paterna na constituição da própria personalidade e na moldagem de seu sucesso profissional. Não havendo como questionar a autoridade paterna sem sentir a própria masculinidade ameaçada, tornou-se necessário a Carlos criar os subsídios para não depender, ou seja, tornar-se autônomo, mas ao mesmo tempo mantendo-se identificado às concepções de seu avô e de seu pai, como o grande valor do ser masculino: ser um responsável trabalhador e futuramente um pai provedor (COSTA, 1999).

Dessa época Carlos, entusiasmado, rememora seu baile de formatura do ginásio, que aconteceu no mesmo ano em que a Guerra acabou.

“Eu estava muito chique e fui ao baile, dancei bastante, comecei a fumar, achava bacana fumar”.

Terminado o ginásio e seguindo as recomendações de seu progenitor, Carlos matriculou-se em um colégio paulistano para cursar o científico. No entanto, devido ao emprego de *officeboy* conquistado por indicação de seu pai em um escritório de amigos, Carlos passou a faltar muito e a obter um rendimento abaixo do esperado na escola:

“Eu gostava do meu serviço, meu patrão ficou contente comigo. Fiquei no Colégio B. até terminar o primeiro semestre, daí vi que não ia passar de ano, que ia mal nas provas... Acabei deixando. Eu sempre fui bom aluno, mas esse negócio de estudar de manhã e trabalhar a tarde não deu certo, eu acabei dando prioridade para o trabalho”.

A prioridade dada ao trabalho aconteceu em função da ânsia de Carlos para conquistar sua independência financeira, ou seja, sua realização como homem e também a oportunidade de seguir sua vida um pouco mais de acordo com seus anseios, sem precisar depender tanto do pai.

“O pai queria que todos os filhos se formassem na Europa, mas eu preferi ficar no Brasil. Como eu já trabalhava e ganhava o meu próprio dinheiro, ele não gostou muito, mas também não se opôs”. Meus irmãos estavam todos na Europa. Eu não quis voltar porque já era independente. Não quis voltar para a tutela do meu pai. Eles estudaram e se formaram lá na Alemanha. O pai queria que eles se formassem na Europa. Todos se formaram lá e depois 3 irmãos vieram para cá. Estamos agora em 4 aqui no Brasil. O quinto ficou na Alemanha e as meninas todas casaram fora do Brasil”.

Podemos então pensar que a independência financeira rapidamente alcançada por Carlos é a maneira por meio da qual ele consegue negociar com o pai sua aceitação como homem e adulto, obtendo sua permissão, ou não oposição, para fazer

as próprias escolhas, embora as restrições permaneçam, como veremos a seguir, no que se refere a sua história profissional.

4.2. Idade adulta

A passagem da infância e adolescência se deu pela inserção de Carlos ao mercado de trabalho e ele mostrou muita motivação para contar seu percurso profissional, tecendo uma detalhada narrativa de tudo o quê fez e aprendeu nos empregos que teve, sempre conquistados graças à ajuda e influência de seu pai. Tal fato também demonstra o apreço dado por ele à tarefa de garantir o provento da família, já que o trabalho valoriza a masculinidade e delimita o papel conjugal e parental .

Em 1949, após o estágio como *office boy* na empresa de engenharia em São Paulo, Carlos, foi trabalhar como secretário em uma Instituição Católica no Rio de Janeiro, a qual prestava auxílio às vítimas da Guerra. Com a falta de recursos dessa organização, ele passou a exercer ofício semelhante em outra Instituição, auxiliando no desembarque de imigrantes e refugiados da Segunda Guerra Mundial. A respeito da mudança de emprego, comentou:

“Lá o trabalho era bem mais interessante. Chegavam aqueles transportes de navios cheios de imigrantes, uns 700 ou 800 imigrantes em um navio só e eu ia a bordo com a polícia marítima, com a alfândega e fazia o desembarque em barcas. Alguns imigrantes eram transportados para a Ilha das Flores, uma ilha dentro da Baía de Guanabara, para depois serem encaminhados para o seu destino final. Alguns já sabiam onde queriam ir, outros eu tinha que aconselhar. Eu fazia o desembarque, acompanhava o desembarque das pessoas, das bagagens e depois ia lá fazer o pagamento. Cada um recebia um valor em dinheiro de acordo com a família, eu ia com um saco cheio de dinheiro e a lista dos

passageiros, e chamava cada um e entrevistava, perguntava o que eles queriam porque todos eles se inscreveram lá na origem como agricultores, para poder obter o visto brasileiro, mas acho que ninguém era agricultor, eram tudo, menos... Eram médicos, advogados, músicos, enfim, ninguém queria trabalhar na terra. Então eu formava os embarques lá para quem queria para São Paulo, para Curitiba, e até para o Paraguai”.

Relatou que nessa época o dinheiro era contado e ele tinha de ir trabalhar a pé a fim de economizar o que gastaria no almoço do domingo. Mesmo assim, gostava muito do seu ofício.

Naturalizou-se no Brasil ao atingir a maioridade e nacionalizou seu nome, na tentativa de amenizar o estigma pelo fato de ser alemão, pois no período pós-guerra, havia fortes preconceitos contra os alemães, conhecidos aqui como “*súditos do eixo ou quinta coluna*”.

Nesse período conheceu a mulher com quem 2 anos após, em 1951, se casou:

“Eu conheci Jaqueline no serviço, eu convidei ela para sair algumas vezes, ir numa boate. A gente saía para dançar. Começamos a namorar e com 22... Com 21 anos, véspera do meu aniversário de 22 anos eu casei”.

Jaqueline é belga e estava no Brasil, pois trabalhava em uma Organização Mundial. Sempre caracterizou-se como uma mulher arrojada, a favor do progresso. Começaram a namorar e foram pressionados a se casarem pelos pais de Carlos. Carlos relatou que na ocasião se sentia ainda muito novo para assumir tal compromisso, entretanto, se dobrou diante da determinação de seu pai. Percebe-se aqui que o casamento reforçou seu papel adulto, no entanto, a figura de seu pai manteve-se como autoridade e referencial.

Carlos relatou que a família de Jaqueline possuía grande prestígio e tinha renome na Europa. Seu avô fora um importante escultor e pintor que recebeu o título de barão pelo rei da Bélgica. Tal fato impressionou muito seus pais, que aprovavam o

casamento, evidenciando a importância dada por eles em manter a posição e a projeção social que tinham na Europa: *“Eu sofri pressão dos meus pais, que eles gostaram muito da Jaqueline e do prestígio da família dela. Eles conheceram meus sogros antes que eu conhecesse”*. É importante salientar que Carlos, diante das imposições de seu pai, não se rebela, mas, ao contrário, submete-se às vontades do seu progenitor.

Carlos descreveu que o noivado foi comemorado com uma elegante festa e ressaltou, orgulhoso, que isso aconteceu *“porque naquele tempo eu andava só com gente importante”*, deixando claro que para ele o prestígio e a proeminência, tal qual para seus pais, também são importantes, levando-o inclusive a atingir padrões masculinos hegemônicos de comportamento (KIMMEL, 1991; CONNELL, 2005).

Sobre o enlace, acrescentou que a cerimônia foi muito bonita, especial, teve escolta policial e o bispo que fez o casamento leu uma mensagem do Papa Pio XII de congratulação pela união.

Acerca da lua-de-mel, referiu que fizeram uma viagem escolhida por Jaqueline a um lugar *“bonito, mas muito chato, não tinha nada para fazer. Jaqueline que escolheu”*.

Recém casados, continuaram trabalhando para economizarem dinheiro para comprar um avião. Observa-se aqui que, embora permanecesse a existência da divisão de papéis atribuídos ao ser masculino e ao ser feminino, há maior flexibilidade desse masculino, já que Carlos não se opôs ao fato de sua mulher trabalhar após o enlace.

Carlos comentou que seu interesse pela aviação partiu da necessidade de conseguir obter a dispensa do exército, pois, na ocasião, trabalhava e não queria perder seu emprego no Rio de Janeiro. Ele rememorou suas aulas de aviação e divertiu-se ao lembrar que combinava com Jaqueline e alguns amigos de se

encontrarem na cabeceira da pista para pegarem carona no avião. Sorriu muito ao relembrar do dia em que deu um parafuso e Jaqueline ficou muito assustada, achando que o avião iria cair.

Como seu pai desaprovava sua carreira na aviação ele abandonou-a, passando a voar apenas em momentos de lazer. Novamente observa-se aqui a grande influência de seu pai em suas escolhas e em sua vida e a verticalização dessa relação.

Nesse período, um tio seu mudou-se para a Alemanha, e Carlos foi convidado a administrar a fazenda dele no norte do Paraná:

“O meu pai fez pressão nesse sentido, porque ele não achava nada bom a minha carreira de aviação, ele não quis me dar apoio nisso aí, então eu passei a ser administrador da fazenda do meu tio. Era uma fazenda de café e o café naquele tempo era o que mais dava dinheiro, né?”

Carlos orgulhou-se em contar que no início a fazenda tinha “mata virgem” e que ele teve que começar “do zero”, evidenciando grande apreço às questões relativas ao mundo do trabalho e ao provento da família, fatos que deixam claro o valor dado por ele à reprodução de um modelo hegemônico de masculinidade relacionado ao ser forte, ser capaz de enfrentar desafios e prover melhor a família (KIMMEL, 1991 E CONNELL, 2005).

“Eu fiz casas para trabalhadores, construí a minha casa, mandei derrubar mato para plantar café, já plantei em curva de nível, fui pioneiro porque naquele tempo ninguém fazia plantio de curva de nível de café”.

Essa mudança de emprego ocorreu nos idos de 1950 e fez com que sua situação financeira se estabilizasse. Assim, Jaqueline parou de trabalhar e passou a cuidar dos filhos gêmeos que tinham acabado de nascer.

Tal ocorrido traz à luz uma discussão sobre a confluência de concepções distintas sobre a feminilidade relativas, sobretudo às mudanças sociais, já que

Jaqueline, uma mulher arrojada que trabalhava fora e dividia o sustento da casa, ao ter filhos, passou a cuidar da casa e da família, exercendo o papel esperado às mulheres (COSTA, 1999). Pode-se perceber que o trabalho de Jaqueline apenas foi bem-vindo enquanto auxílio financeiro e que sua relação com a esposa apresentou uma sólida organização, na qual ele ocupou, inquestionavelmente, o papel de provedor.

Sobre o nascimento dos primeiros filhos, Carlos comentou que Jaqueline os teve com a mesma parteira que pariu seus irmãos mais novos, pois foi recomendada por sua mãe.

“A gente já tinha residência em M., mas Jaqueline foi antes para R. para passar os últimos dias em R. onde tinha a parteira famosa que fez o parto do meu irmão Haroldo e da minha irmã Leocácia e a minha mãe recomendava muito que a gente fizesse o parto com ela. Então, eu recebi um recado que tava para nascer e logo eu arrumei um colega de aviação que me levou lá para o Hospital onde o Guilherme e a Márcia nasceram. Eu cheguei em tempo para isso e a minha tia Greta ficou na sala de cirurgia, eu não quis entrar. Eu fiquei nervoso na sala de espera, e até fumei cigarros... Fazia tempos que eu não fazia isso. Eles eram bem pequeninhos, e bonitinhos! Minha tia trouxe primeiro a Márcia, enrolada em uma toalha. Depois veio o Guilherme, e eu fiquei muito orgulhoso!”.

Carlos comentou que por serem gêmeos, ele teve que ajudar Jaqueline a trocar fralda, a dar banho, mas se achava “desajeitado” para essas funções, que ficaram à cargo de sua esposa, fato que evidencia a divisão de papéis existentes em seu relacionamento, em que a tarefa de cuidar da prole era responsabilidade de sua mulher, e garantir o provento da família se constituía como sua responsabilidade.

Seu relato também transparece a repetição de um padrão social em que não é estimulado ao ser masculino a expressão de sentimentos (CUSCHINIR E MARDEGAN JR., 2001). No entanto, sentiu-se orgulhoso por se tornar pai, adquirindo *status* como

homem e efetivando sua entrada na vida adulta. Faz-se interessante observar que à medida que se apropriou de sua vida adulta, seu pai deixou de aparecer em seu relato.

No ano seguinte Ciro nasceu e o parto foi bastante complicado, demorou muito e fez Jaqueline sofrer. Bernardo e Rosa nasceram mais tarde, quando a família estava com uma situação econômica confortável, Carlos estava trabalhando muito. Por essa razão, ele acompanhou distante esses crescimentos.

Carlos fala pouco sobre sua experiência de paternidade. Em seu relato, chama a atenção aos aspectos relacionados à sua preocupação com a formação dos filhos como pessoas íntegras e responsáveis, ou seja, bons cidadãos.

Nos anos de 1960, quando seus filhos atingiram a idade escolar Carlos, analogamente a seu pai, desejou que eles tivessem um bom estudo e, assim, decidiu mudar com a família para São Paulo. Tal fato evidencia sua concepção de que a paternidade é, de acordo com Souza (1994), sinônimo de planejar o futuro dos filhos, garantindo o provento a fim de se tornarem *“bons produtos sociais”*, ou seja, bons cidadãos.

“Mudamos por causa da escola para os filhos, vim pelo estudo deles. Lá na fazenda não tinha escola nenhuma, fazia o primário e só”.

Relatou orgulhoso, que todos os seus filhos se formaram em São Paulo e que essa conquista foi à custa de sofrimento deles, que estranharam a cidade grande e o confinamento do apartamento, e de si próprio, que mudou de emprego para poder manter a vida na cidade grande, situação que se difere um pouco da vivida por ele quando criança, em que seu pai mandava e desmandava na escolha de escolas, sem levar em consideração todo e qualquer sentimento que tais mudanças acarretavam a seus filhos. Em relação a esse esforço feito no sentido de amenizar a estranheza por parte dos filhos, Carlos descreveu:

“A gente fez o que podia para eles se adaptarem. Mas isso nós resolvemos fazendo judô. Os 3 filhos foram no judô, eu levava eles no judô e fazia tudo junto com eles. São todos faixa preta. Eu também tirei faixa preta! Somos uma família de 4 faixas pretas. Foi bom aquele tempo...”

Às fazendas, a família ia apenas nas férias:

“A gente saía a noite, passava a noite dirigindo e no outro dia de tardezinha chegava. Era estrada de chão, só até Itapetininga tinha asfalto. De Itapetininga pra frente era terra. Eu não gostava de parar porque perdia muito tempo. Levava um pinico, um baldinho, para fazermos as necessidades, se não, cada um queria parar uma hora para fazer xixi”.

Com a queda do preço do café, mais tarde Carlos teve de vender a fazenda. Nesse tempo, já havia se mudado para São Paulo e tinha passado a administrar fazendas no Mato Grosso e, por isso, tinha que passar longas temporadas nesse Estado. Depois de um tempo, teve a oportunidade de se tornar sócio de uma das fazendas que administrava. Carlos relata que administrava as fazendas por necessidade, já que sua grande paixão era voar. Em seus tempos livres e férias, muitas vezes trazia aviões adquiridos por brasileiros que ia buscar no exterior, o que mostra que, mesmo atendendo às orientações de seus pais, Carlos não deixava seus anseios de lado, e arrumava brechas para realizar aquilo que tanto gostava.

Pode-se perceber que na relação de Carlos com seus filhos, ele reproduz a autoridade e a preservação de valores como caráter e justiça análogos ao modelo recebido por seu pai e seu avô. No entanto, mesmo tendo-o como base, esse modelo é refeito, já que sua relação com a prole leva em conta a experiência afetiva de seus filhos, fato não verificado em sua relação com seu pai e seu avô.

Carlos considera ter sido um pai bravo e constata:

“Fui bravo demais. Agora eu me arrependo. Acho que o pai sempre procura evitar o pai da gente mesmo. Eu era bastante rigoroso. Mas eu acho que

não fez mal para eles não, pelo menos eu penso que nenhum deles é revoltado. Foi uma educação sólida”.

Referiu ainda que não existe um convívio intenso com os filhos e somente os encontra em ocasiões importantes. Sente que existe uma distância em seu relacionamento com eles e que cada um vive a sua vida. Mesmo se queixando do distanciamento de seus filhos, comenta que não pode deixar de vir para São Paulo por causa deles, mesmo sendo preciso esforçar-se para realizar a viagem. Esse distanciamento, na verdade, refere-se ao fato dele ter mantido sua autoridade diante dos filhos, uma autoridade distinta do autoritarismo verificado em seu pai e avô, que não levava em conta os sentimentos dos filhos.

“Eu sempre tive ausente, voando, eu era piloto e voava e trabalhava nas fazendas que eu administrava. A maior parte da vida a minha mulher que cuidava dos filhos. Quando eu estava em casa, era uma vida de bom entendimento, os filhos todos muito bons. Nunca tivemos nenhum problema com droga, com nada. Escapei dessa fase. Nessa fase da minha vida não tinha ainda drogas, essas coisas em escola... Isso começou mais tarde”.

Tais depoimentos também evidenciam o fato de Carlos ter vivido os reflexos das mudanças sociais, que inclusive o impulsionaram a ter uma atitude mais participativa e mais sensível em relação aos filhos, na tentativa de não incidir nos erros cometidos, ao seu ponto de vista, pelo seu pai que, segundo seu relato, o faziam sentir-se triste.

“Eu sempre procurei respeitar os meus filhos. Eu também queria ser mais próximo deles, como quando fui fazer judô. Acho que nessas ocasiões até consegui. Mas eu também sentia que não podia facilitar demais, passar a mão na cabeça, nem nada disso. Você sabe, às vezes eu me comovia com alguma coisa, com a formatura deles, ou o dia que o Guilherme caiu no rio... mas achava que não podia deixar transparecer”.

No entanto, percebe-se também em seu discurso a permanência da ideologia e a reprodução do modelo de pai provedor, ou melhor do bom provedor (BERNARD, 1981), aquele que tem a função de prover e disciplinar a família em que não há espaço para transparecer as emoções nem tampouco as fraquezas. Tal referencial (modelo internalizado) muitas vezes direcionou Carlos às suas ações, fazendo com que repetisse atitudes tomadas por seu pai e aparentemente pouco aprovadas por ele, mas que as reproduziu pois acreditava que seu sucesso como pai estava em criar filhos disciplinados, trabalhadores e ajustados às demandas sociais, ou seja, em manter a ideologia vigente e a dinâmica de privilégios (KIMMEL, 1991).

Vale ressaltar, entretanto, que esse sistema que lhes oferece privilégios também os causa dor e alienação, já que o poder social dos homens também é fonte de sua experiência individual de dor e alienação (KAUFMAN, 1987). Este fato é nomeado pelo autor de “experiência contraditória do poder masculino” que, segundo ele, permite entender melhor o processo de aquisição do gênero para os homens, que requer a supressão de muitas necessidades, sentimentos e formas de expressão, pois há uma tensão constante entre ser macho e ser masculino.

Carlos realizou com êxito o papel atribuído ao masculino hegemônico, de prover e disciplinar os filhos e garantir que esses fossem bons cidadãos (trabalhadores, honestos, fortes, viris e etc.). No entanto, verificou-se em seu relato que ele não reproduziu integralmente o modelo que recebeu, ou seja, não ocupou o papel do patriarca, já que considerou a experiência afetiva dos filhos, mesmo tendo, por vezes, um padrão masculino de não expressar seus sentimentos. Assim, fica evidente como realizou uma resignificação dos modelos de cuidado recebidos, provavelmente como produto da interação entre o desejo pessoal e às transformações sociais.

4.3. Idade adulta avançada

O marco da transição para a idade adulta avançada relaciona-se ao fato de, em 1988, Carlos ter se aposentado. Após o ocorrido, ele refez seus planos e voltou para o Paraná, pois, na verdade, segundo o seu relato, nunca se acostumou com a cidade grande e que a transição também lhe foi custosa. Carlos quis voltar a morar próximo de seus irmãos, restabelecendo os vínculos e a relação de extrema proximidade, sendo possível a demonstração de afeto, em uma cidade que reconhece o seu vigor e na qual ele se sente mais reconhecido e acolhido.

“Lá eu moro em uma casa no centro, lá eu sou conhecido, todo mundo me conhece. Comprei uma casa velha e reformei ela todinha. Fui para junto dos irmãos. Junto dos fazendeiros. Fazenda de soja, milho, trigo, agora mecanizado. Café lá acabou”.

Seu relato demonstra que a aposentadoria não foi vivida como uma grande perda, já que lidou bem com as questões relativas ao envelhecimento, dando continuidade a seus projetos de vida. Hoje, Carlos comenta que se ocupa com a leitura, esporte e com o computador, ou seja, o envelhecimento para ele não foi sinônimo apenas de finitude e perdas, mas também um período de possibilidades de realização e projetos de vida.

De acordo com o modelo de envelhecimento bem-sucedido ou ideal de Baltes, Lindenberger & Staudinger (1987) o envelhecimento não é sinônimo de perdas e declínio, mas ao contrário, depende do modo como cada indivíduo encara essa fase do ciclo vital e pode ser influenciada por três componentes anulação da doença ou da incapacidade relacionada à doença, manutenção elevada das funções psicológicas e cognitivas e engajamento sustentado e ativo em atividades sociais e produtivas. Os idosos bem-sucedidos tendem a ter apoio social, quer emocional quer material, o que

colabora para a saúde mental, e enquanto ficam ativos e produtivos não se consideram velhos.

“Eu faço meu imposto de renda no computador, jogo cartas, organizo minhas fotografias, tenho feito trabalhos de levantamento com GPS de fazendas, divisas de fazendas, é um programa que desenha e salva essas áreas, calcula essas áreas, isso é uma coisa muito útil. Tenho também um clube bom, que eu frequento bastante, fazendo ginástica, fazendo alongamento, tomo sauna, ando de bicicleta. Esteira não, porque sou ruim dos pés. Isso já... Essa atividade já preenche bastante o meu tempo”.

Sobre sua doença, relata que começou a sentir tremores em seu pé em 1998, quando estava dirigindo. Procurou especialistas, fez exames, e foi descoberto que ele tinha *Parkinson*, em um estágio inicial. Viajou para os EUA, Alemanha para consultar outros especialistas mas descobriu que não há nada que se pode fazer além de tomar medicamentos para retardar a doença. Sobre isso comenta que:

“É uma doença muito ruim porque ela amolece os músculos e o corpo seu não obedece mais aos comandos do cérebro, então a luta agora é retardar isso o mais possível. O médico acha que eu vou acabar morrendo de outra coisa, não é de Parkinson, porque a progressão é tão lenta que é provável que eu possa ainda viver muitos anos”.

Sobre a experiência de tornar-se avô e bisavô, Carlos não entrou em muitos detalhes, mas relatou que além dos 5 filhos, tem 8 netos e 3 bisnetos. O neto mais velho tem 30 anos e nasceu em 1979 e a neta mais nova tem 13. Um deles mora no Canadá. Disse ter ficado muito satisfeito com o nascimento dos netos e ainda mais privilegiado pelo fato de ter conhecido seus bisnetos pois, segundo ele, foi extremamente importante saber que a família será continuada.

Considera que sua relação com eles é boa, mas é distinta da relação que tinha com o seu avô devido ao fato de morarem longe e não por falta de interesse de sua

parte. Comenta que só se vêem quando ele vem para São Paulo ou quando, juntos, passam uma temporada em sua casa de praia.

“Com todos eu me dou muito bem, mas meus netos levam uma vida mais separada da que eu levava com meu avô, com o meu avô eu tinha uma certa... Eu tinha uma relação mais formal, mas convivía mais com ele, ele me ensinava a cuidar do sítio”.

Revela estranheza em relação à educação dispensada por seus filhos aos seus netos pois, segundo o seu relato, os filhos não seguiram o mesmo modelo de parentalidade:

“Eu achava que os pais eram muito moles com os netos. Achava eles muito a vontade demais. Por exemplo, numa reunião, eles não deixavam a gente conversar. O costume meu era que o filho não apita nada quando o velho conversa. E queriam muita coisa, exigiam muito dos pais e os pais sediam”.

Mesmo percebendo diferenças entre a sua concepção de educação e a de seus filhos, Carlos, diferentemente de seu pai, teve um olhar mais sensível e respeitoso, não reproduzindo a coercitiva autoridade de seu pai e não interferindo diretamente na maneira como os filhos escolheram para sua prole. No entanto, com essa postura, manteve e talvez tenha até acentuado o distanciamento em relação aos seus filhos e netos para conseguir dar conta de seus próprios sentimentos.

Carlos tem “já” 3 bisnetos. Dentre eles, 2 são filhos de seu filho mais velho e a outra é filha da filha do seu segundo filho. Orgulhoso, faz questão de mostrar a revista em que a foto do seu bisneto mais novo saiu na capa.

Comenta que a relação com os bisnetos também é distante, já que:

“Eles estranham o bisavô um pouco... É porque eu sou um estranho para eles. O mais velho tem 4 anos e o mais novo tem 9 meses e o outro tem um ano e meio. São todos ainda muito pequenos. Eu só os vejo quando eu

venho para cá... Eu vinha sempre para São Paulo, mas agora, com um problema maior de saúde, eu venho menos. Venho a cada 6 meses”.

Ao efetuar uma análise retrospectiva após ter contado a história de sua vida, disse considerar-se um sortudo, sobretudo porque atingiu em sua vida seus principais objetivos, realizando com louvor a tarefa do pai preocupado com o sustento da prole, mas também com o futuro dos filhos a fim de que os mesmos tornem-se bons produtos sociais (Souza, 1994):

“Eu tive muita sorte. É certo que tive ajudas importante, mas consegui vencer. E tenho 5 filhos bons, íntegros, honestos e com saúde”.

Comenta que mesmo não tendo uma escolaridade avançada, obteve sucesso nas suas principais metas, que era educar e sustentar a família. Em relação a isso revela que suas conquistas foram conseguidas com esforço e um pouco de proteção de seus pais:

“Meu pai me ajudou muito com os relacionamentos dele, sem isso eu não teria possibilidade de chegar onde eu cheguei. Eu sempre dei muita importância à minha família, eu gosto honestamente de todos e agradeço a Deus de ter me protegido tanto, e ter tido o sucesso que eu tive. Eu acho que eu tive sucesso”.

Relata também que teve alguns contratemplos na vida, mas que isso é inerente ao ser humano e completa:

“Sou um felizardo e estou muito feliz de estar aqui e poder falar, deixar essa lembrança para os meus descendentes. Eu me preocupo bastante com o futuro dos netos e dos bisnetos que vão ter uma vida talvez bem mais difícil da que a que eu tive, menos qualidade de vida, porque não são as coisas materiais que a gente tem que contam tanto para uma qualidade de vida. Você pode ser feliz e levar uma vida sadia e boa na simplicidade também, e eu acho que os jovens hoje em dia se preocupam demais com diversão, com assuntos materiais, que são bons se a gente consegue, mas não são

de tão grande importância na vida das pessoas... Isso também eu só estou descobrindo agora, depois de velho. Eu estou contente com a minha vida, com os filhos que eu tenho e as famílias deles!"

Os significados dados a própria experiência que foram sendo construídos por Carlos ao longo de sua vida deixam claro o quanto o indivíduo influencia e é influenciado pelo contexto histórico cultural no qual está envolvido e o quanto o desenvolvimento não é estanque, mas ocorre ao longo de todo o ciclo vital.

Capítulo 5 - Considerações finais

O propósito desse trabalho foi promover uma reflexão acerca da função parental masculina em um contexto social de mudanças, a partir da análise da entrevista de história de vida com um homem de 80 anos, que tem um padrão de vida compatível com o nível social médio/médio alto da população.

A análise e a discussão dos resultados permitiram um alinhamento com os autores apresentados, cujas proposições teóricas serviram de suporte aos aspectos do desenvolvimento ao longo do ciclo vital, à construção da masculinidade e à retroalimentação do masculino e do cuidado masculino.

Vivemos em um período de transição social, em que padrões de outrora convivem com outros emergentes. As transformações ideológicas e sociais que permearam o século XX repercutiram, sobretudo, sobre a função parental, já que o masculino e o feminino se reforçam mutuamente e a mudança é favorecida quando reforçada pelos desejos individuais.

Os reflexos dessa transição social puderam ser evidenciados nesse trabalho por meio da análise da história de vida de um indivíduo longo, que teve a oportunidade de atravessar o século XX e, portanto, vivenciar como esse processo foi vivido pelas individualidades (ele, seus filhos, seus netos e seus bisnetos).

Assim, Carlos nos mostrou como em menos de um século o cuidado masculino pode corresponder a vários modelos: o do patriarca e autoridade inquestionável como seu avô e pai; o do pai provedor ou bom provedor, que preserva a hierarquia e distância, mas já valida das demandas emocionais dos filhos o que caracteriza a paternidade de nosso participante e a do “pai moderno”, cuja relação é consideravelmente menos hierárquica e o envolvimento com o cuidado mais direto.

Os resultados também permitiram a observação de que, embora hoje em dia o ciclo vital seja teoricamente segmentado em diversas fases, no relato da história de vida desse indivíduo observou-se a distinção de apenas três fases, e o que lhe fez transitar por elas foi o trabalho: transição da infância e adolescência à vida adulta marcada pela inserção no mercado de trabalho e transição da vida adulta à vida adulta avançada marcada pela aposentadoria.

Ficou evidente que a função parental masculina refletiu muito esse período de transição, já que de acordo com Souza (1994), ao longo do tempo histórico, a paternidade funcionou como um reforçador da masculinidade, e o ato de ser pai inseriu o homem no contexto da cultura, tornando-o também responsável pela perpetuação da tradição.

Os papéis atribuídos ao gênero muitas vezes se tornaram tão firmemente enraizados que muitos traços de personalidade foram considerados características inatas de um sexo ou outro, fato que ocasionou grande dificuldade ao ser feminino e ao ser masculino, já que para rompê-los foi necessário ir contra uma engendrada dinâmica que os mantinha. Em um mesmo século, foi possível vislumbrar que um mesmo indivíduo conviveu com diferentes papéis, ideologias e demandas sociais. Paradigmas que eram tidos como líquidos e certos, ligados ao papel de gênero atribuído ao ser masculino como sinônimo de virilidade, força, assertividade, emocionalmente distante dos filhos e comprometido principalmente com o prover da família e um modelo de mãe relacionado prioritariamente ao cuidar e nutrir, foram cedendo espaço para inquietações, dúvidas e perguntas.

Observamos como a experiência de construção de uma vivência com um parental tipicamente patriarcal pode ser resignificada pela experiência por um homem que com seus filhos, ao mesmo tempo em que foi um pai provedor tradicional buscou aproximar-se, ao menos em parte, de seus filhos, considerando seus sentimentos, e

supostamente, sendo um co-autor da transformação social ou da flexibilização social que possibilitou emergirem novas parentalidades, como a de seus filhos e netos.

Ao chegar a idade avançada, Carlos também não reproduz o modelo de patriarca de seu pai e avô e não espera submissão de seus filhos e netos. Ao mesmo tempo, as crianças de sua família foram descritas por ele como sem limites, o que se relaciona ao fato desse indivíduo perceber que o modelo de parentalidade atuado e preservado internamente por ele não se adéqua mais à realidade atual. Diante desse cenário, o indivíduo optou por não entrar em conflito, evitando o próprio desgaste por meio da distância tanto física como emocional. Com isso, se afasta cada vez mais dos filhos, netos e bisnetos.

A fim de assegurar suas referências, aprofundar os vínculos, ser reconhecido, obter melhor qualidade de vida e manter seus os privilégios do ser masculino, buscou a companhia dos irmãos e voltou a morar em uma cidade do interior que lhe proporcionou tudo isso.

A história de vida apresentada nos fez identificar algo semelhante ao tratado por Figueira (1987), que refere que em menos de cinquenta anos mudou radicalmente o que se espera dos pais, distanciando-se de um modelo que se tornou obsoleto para outro considerado novo, em que se esperam outros comportamentos. Dessa forma, tornou a verdadeira proximidade impossível. Tal autor conclui que uma das principais características associadas ao gênero masculino a ser enfrentada diante da nova postura de pai é a lida com os sentimentos.

Kimmel (1991), Maciel Jr (2008), Faria (2003), Moris (2008) também relatam que os novos modelos de papel para os homens não tomaram lugar dos antigos, ao contrário, cresceram em paralelo, criando uma tensão dinâmica entre o antigo e o novo paradigma.

Tais fatos nos levam a um questionamento acerca das questões que subjazem o assumir por parte dos homens de uma nova postura diante dos desafios e demandas sociais, visto que essa questão já foi identificada há mais de 20 anos.

Foi possível verificar também aspectos levantados por Connell (1995) e Kimmel (1991), sobre o fato de a masculinidade ser um projeto em aberto, que ocorre ao longo de todo o ciclo vital, ou seja, os projetos humanos são refeitos constantemente no decorrer da vida dos indivíduos.

O relato da história de vida também deixou claro que o desenvolvimento não termina na infância, novas aquisições e soluções fundamentais ocorrem na vida adulta e o envelhecimento é um fenômeno biológico, psicológico e social que atinge o ser humano como um todo e modifica sua relação com o tempo, com o mundo e com a sua própria história. O envelhecimento não é somente sinônimo de perdas e finitude, e algumas pessoas podem envelhecer melhor que outras, principalmente se levarem em conta as premissas do estudo do desenvolvimento bem-sucedido de Paul Baltes (1987). Esse pesquisador ressalta que: o desenvolvimento é vitalício e mesmo as pessoas muito idosas são capazes de crescer emocional e intelectualmente, que o desenvolvimento é multidimensional e multidirecional, que o processo de desenvolvimento é influenciado tanto pela biologia quanto pela cultura e é possível haver equilíbrio entre essas influências, que esse processo envolve alocação de recursos, plasticidade e recebe influências do contexto histórico e cultural. Esses fatores que contribuem para que tenham apoio social, emocional, material, colaborando para sua saúde mental, dando ao indivíduo a possibilidade de ter projetos de vida e de efetuar significações e ressignificações sobre os acontecimentos vividos, mesmo na idade avançada, já que, como visto, o desenvolvimento ocorre durante toda a vida do indivíduo, em todas as fases do ciclo vital.

Ressalta-se, portanto, a importância de se pesquisar temas relacionados aos homens, à masculinidade e à longevidade com vistas a contribuir não só para a

ampliação desta compreensão como também para o desenvolvimento de estratégias sob a forma de programas, intervenções, grupos de apoio e etc, elaborados com rigor para que de fato atinjam concretamente a população. É importante que essas estratégias lidem com a visibilidade do privilégio masculino e das questões atreladas a longevidade, o que significa poder beneficiar homens e mulheres igualmente já que fará emergir questões intrincadas no processo de construção social que, com o tempo, perpetuaram e cristalizaram comportamentos os quais hoje não dão mais conta de garantir o desenvolvimento pleno dos indivíduos.

Assim, conclui-se que o fenômeno investigado nesse estudo mostrou-se complexo e instigante, fazendo com que o interesse por ele seja continuado e acreditando que o presente trabalho tenha sido um começo de outros que se desenvolverão no futuro.

Referências Bibliográficas

ALVES, Lourdes Faria. *Família e envelhecimento: um estudo da dinâmica relacional da família na fase última do ciclo vital sob a perspectiva do idoso*. São Paulo, 2001. 84 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª edição. Tradução de Dora Flaksman, Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

BALTES, Paul, & BALTES, Margret. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In: BALTES, Paul & BALTES Margret. *Successful aging: perspectives from the behavioural sciences*. Canada: Cambridge University Press pp. 1-34, 1990.

BALTES Paul, STAUDINGER, Ursula. & LINDENBERGER, U. *Lifespan psychology: Theory and application to intellectual functioning*. Annual Reviews 50, pp. 471-507, 1999.

BALTES, Paul & SMITH, Jacqui. *New frontiers in the future of aging: From successful aging of the young old to the dilemmas of the fourth age*. Gerontology, 49(2), pp. 123-135, 2003.

BEAN, Nadine; McALLISTER, Eurette; HUDGINS, Lynn. Cross-Cultural Lessons and Inspirations from grandparents and great-grandparents raising grandchildren. *Reflections* 7 (2), pp. 40-51, 2001.

BERNARD, J. *The good provider role: Its rise and fall*. American Psychologist, 1981.

BRITO, Cristina Souza; PINTO, Virgínia. *A percepção dos bisavôs sobre seu papel*. Revista UFPE on line REUOL, 1, pp. 198-203, 2007. Disponível em <HTTP://revistaenfermagem/index>. Acessado em 20 jan. 2009.

BOWLBY, John. *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRONFENBRENNER, Urie. *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. California: Sage, 2005.

CAZÉS, Daniel. *Metodologia de gênero em los estudios de hombres*. La Ventana, 8, pp. 100-120, 1998. Disponível em <HTTP://publicaciones.cucsh.udq.mx/ppperiod/laventan/Ventana8/ventana8-3.pdf>. Acessado em 24 jul. 2009.

CONNELL, Robert W. The Social organization of masculinity. In: *Masculinities: knowledge, power and social change*. Berkeley: University of California Press, 1995.

_____. *Gender*. Cambridge: Polity Press, 2002.

_____. *Hegemonic masculinity: rethinking the concept*. Gender & Society, 19 (6), pp.829-859, 2005.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

CUSCHINIR, Luiz & MARDEGAN Jr, Elyseu. *Homens e suas máscaras: a revolução silenciosa*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

DAMATTA, Roberto. Tem pente aí? Reflexões sobre a identidade masculina. In: CALDAS, Dario (org.). *Homens: comportamento, sexualidade, mudança*. São Paulo: SENAC, pp. 33-49, 1997.

De TOLEDO, S. BROWN, D. *Grandparents as a parents: A Survival guide for reising a second family*. Nova York: Guilford Press, 1995.

DIAS, Cristina Maria & PINTO, Virginia. *A percepção dos bisavôs sobre seu papel*. Revista de Enfermagem da UFPE *On Line*. 2007;1(2), pp. 198-203.

DOKA, Kenneth; MERTZ, Ellen. *The meaning and significance of great-grandparenthood*. The Gerontologist 28 (4), pp. 192-197, 1988.

DREW, Linda; SILVERSTEIN, Merril. *Inter-generational role investments of great-grandparents: consequences for psychological well-being*. Ageing and Society 24 (1), pp. 95-118, 2004.

EDWARDS, Tim. Queering the pitch? Gay masculinities, in: *Handbook of studies on Men and Masculinities*. Editors Michael S. Kimmel, Jeff Hurn, Richard W. Connell, Sage Publications, California, 2005.

FIGUEIRA, Sérvulo (org.). *Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira*. Rio de Janeiro, Jorge zahar Editor, 1987.

FARIA, Durval. *O pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo: EDUC: FAPESP, 2003.

HAGESTAD, Gunhild. *Able elderly in the family context: changes, chances and challenges*. The Gerontologist, 27(4), pp. 417-422, 1987.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. www.ibge.org.br. Consulta realizada em 20/05/09.

KAPLAN, Johanna. *Tales of my Great-Grandfathers*. Commentary 110 (1), pp. 49-53, 2000.

KIMMEL, Michael. *Changing men: new directions in research on men and masculinity*. Newbury Park, Sage Pub. 1991.

LAMB, Michael. (org.) *The father's role*. New York: John Wiley & Sons, 1986.

LEVINSON, Daniel. *The seasons of woman's life*. New York: Knopf, 1978.

LOPES, Shane; PARK, Nadia. *Strengths of character and well-being*. Journal of social and clinical Psychology, 23, pp. 603-619, 2004.

LOUREIRO, Renata Costa Rolim. *Uma revisão bibliográfica sobre bisavós*. São Paulo, 2008 (artigo não publicado).

MACIEL JUNIOR, Plinio. *Tornar-se homem – o projeto masculino na perspectiva de gênero*. São Paulo, 2006. 183 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MILLES, Margareth. *Grandmothers rearing grandchildren: an evidence-based theory of the problem*. Palestra ministrada no 18º International Nursing Research Congress, julho 2007.

MEIRELLES, Valéria. Feminino superlativo: mulher, família e carreira. São Paulo, 2001. 190 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

MIETKIEWCZ, Marie-Claude; VENDITTI, Linda. *Les arriere-grands-peres le point de vue de leurs arriere-petits-enfants*. Psychologie-and-NeuroPsychiatrie-Du-Vieillessement. 2 (4), pp. 275-283, 2004.

MORIS, Vera Lúcia. Preciso te contar? Paternidade homoafetiva e a revelação para os filhos. São Paulo, 2008. 205 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PAPALIA, Diane; OLDS, Sally & FELDMAN, Ruth. *Desenvolvimento Humano*. São Paulo: McGraw-Hill Brasil, 2009.

PARKE, Ross. *The society for research in child development at 70: progress and promise*. Child development, 75, pp. 1-24, 2004.

PHILLIPS Glenda, WRIGHT, James & BEALE, Betty. *The roles of grandparents in educating today's children*. Journal of Instructional Psychology, 2003.

PLUMMER, Ken. *Documents of life 2: an invitation to a critical humanism*. London: Sage Publications, 2001.

PRICE, Christine. Aging families and stress. In: McKENRY, Patrick; PRICE, Sharon (ed.). *Families & Change – coping with stressful events and transition*. Thousand Oaks: Sage Publications, pp. 49-74, 2005.

REBELO JR., Salvador. *O exercício da responsabilidade social*. Revista Psicologia Brasil, 4, pp. 38-40, 2006.

ROTHENBERG, DIANE (1996). *Grandparents as parents: a primer for schools*. Disponível em: www.erc.ed.gov ED401044. Eric Digest. Acesso em 13 de outubro de 2007.

SAMARA, Eni de Mesquita. *A família brasileira*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.

SHIBATA, Lilian Harumy. *Em busca de um novo caminho. O pós-trabalho como oportunidade de realização de potencialidades*. São Paulo, 2006. 162 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SMITH, Andrea; DANNISON, Linda. *Educating educators: programming to support grandparent-headed families*. Contemporary Education, 72 (2), pp. 4-51, 2002.

SMITH, Andrea; DANNISON, Linda; VACHA-HASSEN, Tina. *When grandma is mom: what's today teachers need to know*. Childhood education, v.75, n.1, pp. 12-16, 1998.

SOUZA, Rosane Mantilla de. *Paternidade em transformação: o pai singular e sua família*. São Paulo, 1994. 224 p. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

WENTOWSKI, Gloria. *Older women's perceptions of great-grandmotherhood: a research note*. The Gerontologist 25 (12), pp. 593-6, 1985.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, R.G: _____, residente à _____
Telefone: _____ autorizo a psicóloga Renata Costa Rolim Loureiro, CRP: 06/80792, a realizar entrevistas gravadas em áudio para a obtenção de informações que fazem parte da pesquisa “A função parental masculina na perspectiva de um bisavô” cujo objetivo é investigar como o indivíduo que atravessou o século XX significou a função parental masculina ao longo de seu ciclo vital.

As informações obtidas serão utilizadas com ética na elaboração de trabalho científico, que poderá ser utilizado para publicação em meios acadêmicos e científicos. Meu nome e de minha família não serão utilizados nos documentos pertencentes a esse estudo e a confidencialidade dos meus registros será garantida.

Declaro que os objetivos e detalhes desse estudo foram-me completamente explicados. Se, em qualquer momento, não for de meu interesse ou de minha família continuarmos participando da pesquisa, esta autorização perde a validade.

Desse modo, concordo em participar do estudo e cooperar com a pesquisadora.

Assinatura do pesquisado

Data: ____/____/____

Assinatura do pesquisador

Data: ____/____/____